

Congresso Nacional

CENTENÁRIO DE JK

A REVOLUÇÃO DO OTIMISMO

Relatório

Comissão Mista Especial criada para preparar
os atos comemorativos do centenário de
nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek

Presidente: Deputado Paulo Octávio
Vice-Presidente: Senador Arlindo Porto
Relator: Senador Francelino Pereira

SUMÁRIO

Apresentação

Relatório

Anexos

Requerimento nº 81/2000

Mensagens nºs 40 e 41 (Ao Presidente da República e ao Ministro do Supremo Tribunal Federal) *Presidente*

Ata da Sessão Solene. Discursos:

Senador José Alencar
Deputado Paulo Octávio
Senador Lindberg Cury
Deputado Paes Landim
Deputado Geraldo Magela
Deputado José Antônio Almeida
Senador Arlindo Porto
Senador Valmir Amaral
Senador Francelino Pereira (Fala da
Presidência)

Lista de eventos

Nota da Agência Senado sobre o documentário

*Artigo de Agaciel da Silva Maia no **Jornal do Brasil***

*Notícias publicas pelo **Jornal do Senado***

APRESENTAÇÃO

Coube ao Congresso Nacional a iniciativa de promover as comemorações do centenário de nascimento de Juscelino Kubitschek, ao aprovar, ainda no ano 2000, a criação da Comissão Mista Especial que veio a ter o Deputado Paulo Octávio na Presidência, o Senador Arlindo Porto na Vice-Presidência e a mim na honrosa função de Relator.

Foram incontáveis as manifestações ocorridas durante o ano de 2002, em todo o território nacional, em homenagem ao grande estadista mineiro, que trouxe de Minas o legado histórico do sonho e da liberdade. Foi em regime de liberdade que ele concretizou os sonhos, até o maior e mais antigo do Brasil – a mudança da Capital para o centro do País.

JK foi “o tocador de sonhos”, na feliz expressão do jornalista e escritor mineiro Humberto Werneck. Modernizou Belo Horizonte, lançou as bases da industrialização de Minas e mudou o Brasil. “Sacudi o Brasil de Norte a Sul; acordei o gigante”, disse Juscelino. E o tempo se incumbiu de dar-lhe razão, como se verá por este Relatório da Comissão Mista Especial.

Senador **Francelino Pereira**
Relator

RELATÓRIO

O Congresso Nacional prestou significativa homenagem ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira nas comemorações, neste ano de 2002, do centésimo aniversário de seu nascimento, culminando com Sessão Solene, no dia 12 de setembro, no plenário do Senado Federal, todo lotado, inclusive as galerias e as Tribunas de Honra e de Imprensa.

A Sessão Solene resultou de proposta apresentada pela Comissão Mista Especial criada por meio do Requerimento nº 81, de 2000-CN, para “preparar os atos comemorativos do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek”.

As homenagens do Congresso Nacional somaram-se, assim, às numerosas manifestações realizadas em todo o País, durante o ano, para lembrar o centenário de nascimento do grande estadista mineiro que,

Prefeito de Belo Horizonte, na primeira metade da década de 40, mudou a face da cidade; Governador de Minas, na primeira metade da década de 50, lançou as bases do desenvolvimento do Estado; e Presidente da República, mudou a Capital do País e o próprio Brasil.

Num país como o Brasil, pouco dado a cultuar os grandes vultos de sua História, as manifestações que lembraram JK foram excepcionais – e o Congresso Nacional pode orgulhar-se de haver para isso contribuído de forma significativa.

REVELAÇÃO POLÍTICA

Juscelino Kubitschek foi uma vocação política e administrativa – mais que isso, de estadista – revelada no exercício dos cargos públicos, porque a atividade política não figurava entre seus objetivos iniciais. Nela ingressou quase relutantemente. “A política surgiu em minha existência – disse – como imposição de fatores externos. Veio, envolveu-me. Quando dei fé do que estava ocorrendo, já me sentia disposto a aceitá-la, em substituição à Medicina.”

Nascido na histórica e bela cidade de Diamantina, no dia 12 de setembro de 1902, de ascendência tcheca pelo lado materno, órfão de pai com pouco mais de dois anos de idade, foi criado, com sacrifícios, pela mãe, dona Júlia, professora primária. Terminados os estudos secundários no Seminário local, Juscelino inscreveu-se em concurso público para

telegrafista dos Correios e Telégrafos. Aprovado, transferiu-se para Belo Horizonte, para assumir o cargo, trabalhar e cursar Medicina. Ser médico, essa, sim, era a sua aspiração. Trabalhava e estudava. Ao contrário de muitos jovens estudantes da época, não fez política universitária. Ele mesmo assinalou: “Eu nunca me preocupara com a política. Até então nem eleitor eu era. Encontrei-me diante de uma urna pela primeira vez, votando em Getúlio Vargas para Presidente, em março de 1930.”

Em 1932, major-médico da Força Pública de Minas Gerais, foi mandado para a Serra da Mantiqueira, proximidades da cidade mineira de Passa Quatro, onde tropas do Exército e da Força Pública tentavam conter o avanço dos paulistas, por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932. Ali conheceu e fez amizade com o homem que iria mudar seu destino: Benedito Valadares, na época, prefeito de Pará de Minas e chefe de polícia na área do conflito. Logo depois de terminada a luta, Benedito Valadares, para surpresa das lideranças políticas mineiras, foi nomeado Interventor em Minas Gerais e levou para chefiar seu Gabinete Civil o major-médico que conhecera na Mantiqueira. Juscelino, que fazia sua entrada na política, aproveitou o cargo para exercer influência na cidade de Diamantina. Derrotou antigas lideranças locais, mas, sempre conciliador, procurou os adversários derrotados e ofereceu-lhes seus préstimos em Belo Horizonte. Conseguiu recursos também para construir uma ponte na região de Diamantina – sua primeira obra pública. Em abril de 1934, filiou-se ao Partido Progressista, tornando-se seu secretário. No mesmo ano, elegeu-se

Deputado Federal, transferindo-se para o Rio de Janeiro, licenciando-se da Força Pública e da Santa Casa de Misericórdia.

Em novembro de 1937, fechado o Congresso Nacional pelo golpe do Estado Novo, voltou à atividade médica, tendo de fazer treinamento à noite, em cadáveres, durante três meses, para readquirir a habilidade cirúrgica. Em fevereiro de 1940, Benedito Valadares o convida para ser o Prefeito de Belo Horizonte. Recusa. Em abril, porém, segundo suas memórias, é surpreendido com a publicação do ato de nomeação. Ocupou o cargo, mas desta vez não largou a medicina. Continuou clinicando, como se visse a atividade pública como coisa acidental, passageira. Chefiava o Serviço de Cirurgia do Hospital Militar e o Serviço de Urologia da Santa Casa de Misericórdia. Passava as manhãs operando. Só trocava a medicina definitivamente pela política em fevereiro de 1945. Ao término de um exame no escritor Eduardo Frieiro, anunciou para a mulher deste: “Hoje vou dar duas altas, uma ao Frieiro, que já está bom e pode voltar às suas atividades, outra a mim mesmo, pois encerro com o caso do seu marido minha atividade profissional.”¹ Tirou o jaleco e mergulhou na política, elegendo-se Deputado Constituinte em dezembro de 1945.

JK passou um tanto ao largo da radicalização política da época do Estado Novo. Manteve sempre seu espírito conciliador, mais interessado na administração pública do que nas lutas partidárias propriamente ditas. Tanto que, apesar de ter sido um dos fundadores do Partido Social Democrático, de inspiração getulista, manteve intata sua estreita amizade

com outro notável mineiro que foi Pedro Aleixo, um dos principais dirigentes da União Democrática Nacional, adversária de Getúlio Vargas e do PSD.

Prefeito de Belo Horizonte, JK empenhou-se, com o voluntarismo, o entusiasmo e o otimismo que lhe eram peculiares, em transformar e modernizar a cidade, ainda muito nova e de certa forma romântica e provinciana. Rasgou ruas e avenidas, fez novos bairros e sobretudo inovou com o projeto da Pampulha, onde desabrocharam as curvas da arrojada arquitetura do então jovem Oscar Niemeyer, precursora dos prédios monumentais de Brasília.

Espírito inquieto, trepidante e audacioso, Juscelino fazia a cidade vibrar. Não revolveia apenas sua configuração física. Estimulava também a vida cultural. Promoveu até o 1º Salão de Arte Moderna na cidade, “um escândalo”, na expressão do crítico Marcos Lontra, citado por Beatriz Coelho Silva. “Chegaram a rasgar um quadro de Portinari, *O Galo* (...) e outro de Tomás Santa Rosa. Em vez de desanimar, JK chamou o pintor Alberto Guignard para dirigir a escola de arte de Belo Horizonte.”² Aquela foi a chamada “Semana da Arte Moderna”, numa referência ao na época ainda controverso movimento modernista de 1922, em São Paulo.

¹ Cláudio Bojunga – “JK – O Artista do Impossível” – Rio de Janeiro – Objetiva, 2001, pág. 181

² Beatriz Coelho Silva, artigo publicado em “O Estado de S.Paulo”, Caderno 2, edição de 30/09/2002

NOVO BRASIL

Eleito governador, recebeu o Governo das mãos de um dos maiores homens públicos de Minas, Milton Campos – que, finda a ditadura, se empenhara em democratizar o Estado e em organizar a administração – e começou a lançar as bases da industrialização mineira, abrindo estradas e criando a Acesita e a Mannesmann. Energia e transporte – foi o binômio que lançou para orientar a ação administrativa.

Deixou o Governo estadual para concorrer às eleições presidenciais de 1955. E chegou ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, com uma novidade: um Plano de Metas. Eram 30 metas a serem alcançadas nos setores básicos da economia e a elas acrescentou mais uma, inspirada em plena campanha eleitoral, quando fazia comício na cidade goiana de Jataí: a mudança da Capital brasileira para o Planalto Central, sonho que vinha do Império e figurava nas Constituições republicanas.

JK encontrou um País essencialmente agrário (o café, o algodão e o cacau representavam 80% da pauta de exportações, não passando os manufaturados de modestos 5%)³ e, fazendo-o progredir, como proclamava, “50 anos em 5”, taxa média de crescimento anual de 8,1%, o entregou ao sucessor, em janeiro de 1961, com as bases prontas para integrar o grupo das maiores economias do mundo, como veio a ocorrer alguns anos mais tarde. Ensaçou até uma liderança latino-americana ao lançar a Operação

³ “O BNDES e o Plano de Metas”, livro publicado pelo BNDES em junho de 1996.

Pan-Americana. Embora bem recebida, não obteve êxito, mas certamente serviu de inspiração para a Aliança para o Progresso, pouco depois criada pelo então presidente norte-americano John Kennedy.

Ao tomar posse no Senado Federal, em 12 de julho de 1961, como representante de Goiás, Juscelino resumiu o resultado do seu Governo: “20 mil quilômetros de estradas; 320 mil veículos automotores; 1 milhão e 300 mil toneladas, a mais, de aço em lingotes; mais de 2 milhões de toneladas de cimento”; além da construção das usinas de Furnas e Três Marias, da indústria pesada, a naval, a de tratores, a química de base, e do aumento da produção de petróleo, fertilizantes e metais não ferrosos.

APEGO À DEMOCRACIA

Mais importante que essa mudança nos planos físico e econômico do País, incluindo a ocupação da vasta área vazia no interior do País, foi a transformação que tudo isso produziu no ânimo dos brasileiros. As realizações da era JK, sobretudo a construção e a mudança da Capital em menos de quatro anos, elevaram a auto-estima nacional. O conhecido pessimismo quanto aos destinos do Brasil deu lugar a crescente otimismo. Os brasileiros tinham prova, reconhecida até por estrangeiros, de sua capacidade de enfrentar e vencer os maiores desafios, de fazer, enfim, do Brasil um grande país. Essa foi a revolução que JK produziu – a revolução do otimismo.

E não se pode deixar de assinalar que toda essa mudança transcorreu em clima de liberdade. JK disse que Deus o poupou do sentimento do medo. Poupou-o também do sentimento do ódio. Era tolerante com os adversários, dando disso demonstração logo no início do mandato presidencial, ao anistiar o grupo de oficiais da Aeronáutica que se rebelara contra o Governo. Conviveu bem com a oposição, compreendendo que as críticas e as controvérsias são próprias de um regime democrático, em que as idéias e opiniões divergentes fluem e se expressam, livres e normalmente. Concluiu o mandato e, democraticamente, passou o Governo ao sucessor, Jânio Quadros, eleito pela oposição.

Vitorioso o movimento militar de março de 1964, deu seu voto, no Congresso Nacional, para a eleição do gen. Castelo Branco à Presidência da República, o que não impediu que, meses depois, JK tivesse cassado o mandato de Senador que o povo de Goiás lhe conferira e suspensos por dez anos os direitos políticos. “Por motivos políticos”, como então se informou. Sofreu a amargura do exílio e até prisão política, mas ao morrer, num desastre de automóvel, em 1976, recebeu, em Brasília, a maior consagração que um homem público poderia ter: toda a cidade, nas ruas, chorava a morte do seu criador. E agora, no centenário do seu nascimento, apagadas pelo tempo as cicatrizes das lutas políticas, recebeu homenagens de todo o País. Os principais candidatos nas eleições presidenciais de 2002 faziam questão de apresentar-se como possíveis continuadores do seu estilo de Governo.

INICIATIVA DO CONGRESSO

Nada mais justo, pois, que as homenagens prestadas por ocasião do centenário do seu nascimento. O Congresso Nacional tomou a iniciativa de preparar as comemorações ainda no ano 2000, quando aprovou o Requerimento nº 81, assinado pelo então Presidente do Senado Federal, Senador Antônio Carlos Magalhães, e pelos Senadores Geraldo Melo, Ademir Andrade, Carlos Patrocínio, Nabor Júnior, Marluce Pinto e Eduardo Suplicy. Requeriam eles a “criação de Comissão Mista Especial destinada a preparar os atos comemorativos do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek”. O requerimento foi aprovado no dia 13 de setembro de 2000, em Sessão do Congresso Nacional.

COMISSÃO MISTA ESPECIAL

Para integrar a Comissão Mista Especial, foram designados os Senadores, pelo PMDB, José Sarney (AP), José Fogaça (RS), Nabor Júnior (AC), Casildo Maldaner (SC), Marluce Pinto (RR), Gilberto Mestrinho (AM), Maguito Vilela (GO), Mauro Miranda (GO) e Pedro Simon (RS); pelo PFL, Antônio Carlos Júnior (BA), Hugo Napoleão (PI), Lindberg Cury (DF), e Francelino Pereira (MG), Romeu Tuma (SP) Freitas Neto (PI) e Bernardo Cabral (AM); pelo Bloco PSDB-PPB, Antero Paes de Barros (MT), Pedro Piva (SP), Ricardo Santos (ES), e Luiz Pontes (CE); pelo Bloco da Oposição PT-PDT-PPS, Jefferson Peres (AM) e Carlos Wilson

(PE); e pelo PTB, Arlindo Porto (MG); e os Deputados, pelo Bloco PSDB-PTB, Vittório Mediolli (MG), Elias Murad (MG) e Walfrido Mares Guia (MG); pelo Bloco PFL-PST, Eliseu Resende (MG) e Paulo Octávio (DF); pelo PMDB, Antônio do Valle (MG) e Silas Brasileiro (MG); pelo PPB, Eni Voltolini (SC); pelo Bloco PSB-PC do B, Agnelo Queiroz (DF) e pelo Bloco PL-PSL, Ronaldo Vasconcellos (MG).

Deputados suplentes: pelo Bloco PSDB-PTB, Saulo Coelho (MG), Osmânio Pereira (MG) e Zila Bezerra (AC); pelo Bloco PFL-PST, Gilberto Kassab (SP) e Vilmar Rocha (GO); pelo PMDB, Mário de Oliveira (MG) e Mauro Lopes (MG); pelo PPB, Herculano Anghinetti (SC); pelo Bloco PL-PSL, Lincoln Portela (MG).

DIRIGENTES E REUNIÕES

Instalada no dia 2 de abril de 2002, a Comissão Mista Especial elegeu para dirigir seus trabalhos:

Presidente : Deputado **Paulo Octávio**

Vice-Presidente: Senador **Arlindo Porto**

Relator : Senador **Francelino Pereira**

O Serviço de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito designou a servidora Janice de Carvalho para secretariar os trabalhos da Comissão Mista Especial.

A Comissão Mista Especial realizou cinco reuniões, algumas delas com a presença de pessoas que desejavam, com sugestões ou de outra forma, colaborar para o êxito das comemorações, dentro e fora do Congresso Nacional.

PROPOSTAS

Em reunião realizada no dia 9 de abril de 2002, a Comissão Mista Especial aprovou:

1) Requerimento do Deputado Paulo Octávio para que o Congresso Nacional realizasse Sessão Solene Conjunta no dia do nascimento de Juscelino Kubitschek, 12 de setembro, em comemoração ao seu centenário;

2) Proposta do Relator, Senador Francelino Pereira, de organização, pela Comissão Mista Especial, de Fórum ou Seminário que teria por tema “JK e o Brasil de hoje”, dividido em painéis temáticos;

3) Proposta do Relator, Senador Francelino Pereira, de produção de documentário sobre JK, em vídeo, para ser exibido a visitantes, no Congresso Nacional.

4) Proposta do Deputado Paulo Octávio de reedição, pela Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal, de 5.000 exemplares da obra “*Por Que Construí Brasília*”, de autoria de Juscelino Kubitschek;

5) Proposta do Deputado Paulo Octávio de se reunir, em livro, os discursos proferidos, no Senado, pelo Senador Juscelino Kubitschek;

6) Proposta de publicação da coleção de obras que compreendem “*Os Discursos de Juscelino Kubitschek*”, “*Programa de Metas*”, “*Brasília e a Opinião Mundial*” e “*Operação Pan-americana*”, já encaminhada ao Conselho Editorial do Senado Federal pela Comissão JK do Poder Executivo;

7) Proposta do Senador Lindberg Cury de publicação de 10.000 exemplares da obra “*Memorial Juscelino Kubitschek*”, de autoria do jornalista e escritor Adirson Vasconcelos, que, para esse efeito, declarou abrir mão de qualquer direito autoral;

8) Proposta de produção de um “comercial” de 15 segundos sobre o centenário de JK para ser exibido em emissoras de TV.

A Comissão Mista Especial recebeu pedidos de apoio para a publicação de outros livros alusivos a JK, produção de filmes e realização de exposições, mas, por não dispor de verba orçamentária, não pôde senão incentivar os autores a buscar, na iniciativa privada, a participação financeira de que precisavam.

COMEMORAÇÕES NOS TRÊS PODERES

Não vingou a idéia inicial do Congresso Nacional, de os três Poderes da República – Legislativo, Executivo e Judiciário – criarem uma comissão conjunta para unificar as comemorações do centenário de JK.

No dia 5 de março de 2001 a proposta foi levada ao Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e ao Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Carlos Mário da Silva Velloso, por meio das mensagens de nºs 40 e 41, assinadas pelo então Presidente do Senado, Senador Jader Barbalho, e pelo Presidente da Câmara, Deputado Aécio Neves.

LEGISLATIVO E EXECUTIVO

O Presidente da República criou, em fevereiro de 2002, para esse fim, uma Comissão presidida pelo Ministro da Cultura, Francisco Weffort, que indicou para integrá-la o Ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, o Ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, o Secretário Nacional do Patrimônio, Museu e Artes Plásticas, Octávio Elísio Alves de Brito, Anna Christina Kubitschek, Maristela Kubitschek Lopes, Vera Brandt, Felício dos Santos e Serafim Melo Jardim. Foi ela instalada em março de 2002, tendo como secretário-executivo o diplomata Aldemo Garcia Júnior. E, para com ela colaborar, criou-se um Conselho integrado por cerca de 100 personalidades.

O diplomata foi incumbido de fazer a ligação da Comissão JK do Executivo com a Comissão Mista Especial do Congresso Nacional, comparecendo a todas as reuniões e mantendo-a informada sobre as providências tomadas por sua Comissão. A Comissão Mista Especial, por sua vez, atendendo a convite formulado por intermédio do diplomata, designou o jornalista Ary Cícero de Moraes Ribeiro, assessor técnico do Relator, Senador Francelino Pereira, para acompanhar as reuniões da Comissão JK do Poder Executivo, reuniões de que participaram também, entre outros, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Affonso Heliodoro (auxiliar direto de JK desde o Governo de Minas Gerais) e representantes do Cerimonial da Presidência da República e da Casa da Moeda. As duas principais Comissões puderam, assim, trabalhar entrosadas, sabendo, uma e outra, o que se fazia ou se programava.

O Relator compareceu à reunião da Comissão JK do Executivo que, sob a presidência do Ministro da Cultura, aprovou o programa de comemorações para o dia 12 de setembro, ficando definidos os horários de todos os eventos, que incluíam cerimônia no Palácio da Alvorada, com apresentação de orquestra de seresteiros; lançamento das moedas com a efígie de JK, no Museu de Valores do Banco Central; Sessão Solene do Congresso Nacional, com lançamento da reimpressão da obra “*Por Que Construí Brasília*”; entrega de medalhas, no Memorial JK, a personalidades que contribuíram para as comemorações; Missa Solene, na Catedral de

Brasília; e espetáculo artístico popular, na Esplanada dos Ministérios, seguido de queima de fogos.

ENCAMINHAMENTO DAS PROPOSTAS

No dia 18 de abril de 2002, o Senador Ramez Tebet recebeu, em audiência, no Gabinete da Presidência do Senado Federal, o Presidente e o Relator da Comissão Mista Especial, Deputado Paulo Octávio e Senador Francelino Pereira, que lhe entregaram as propostas aprovadas pela Comissão Mista Especial. Presente também o Senador por Brasília Lindberg Cury.

O Senador Ramez Tebet, muito cordial, enalteceu a figura do Presidente JK: “A memória de JK precisa ser cultuada, pois ele foi um homem que soube perdoar e construir, acreditou no Brasil, teve verdadeiro espírito desenvolvimentista. Eu diria que foi o maior Presidente do Brasil. É uma satisfação homenageá-lo, a ele que foi também Senador da República. O Senado fará todo o possível para o brilho das comemorações.”

Por motivo de política editorial, o Senador Ramez Tebet solicitou o pronunciamento do Conselho Editorial, presidido pelo Senador Lúcio Alcântara, sobre a reedição dos livros. Quanto ao documentário e ao “comercial” sobre o centenário, encaminhou a solicitação à TV Senado.

“UM COMETA NO CÉU DO BRASIL”

Nos entendimentos mantidos pela Comissão Mista Especial com a Direção da TV Senado, principalmente com Marilena Chiarelli e Virgínia Galvez, chegou-se à conclusão de que não convinha levar adiante a idéia do “comercial”. Além dos custos de produção e das fitas especiais necessárias para encaminhar cópias às emissoras privadas, seria pouco provável a veiculação de forma gratuita. Quanto ao documentário, a TV Senado, desde que o Congresso Nacional decidira comemorar o centenário, se antecipara e estava concluindo um longa metragem sobre a vida de JK.

O documentário, de uma hora e 20 minutos, com roteiro e direção de Maria Maia, recebeu o nome de “JK: UM COMETA NO CÉU DO BRASIL”. Por ele se pode acompanhar a trajetória de Juscelino. “Da infância pobre, em Diamantina – diz texto preparado pela TV Senado – à Presidência da República, JK atravessou como um cometa os céus do Brasil: vendedor ambulante, estudante, telegrafista, médico, Deputado federal, Prefeito e Governador de Minas Gerais.”

Celso Furtado, Oscar Niemeyer, Maristela Kubitschek, Carlos Heitor Cony, Ronaldo Costa Couto, Vera Brant, Ernesto Silva, Affonso Heliodoro, Serafim Mello Jardim, Carlos Chagas e os senadores Pedro Simon e José Sarney, entre outros, falam, no documentário, da convivência com JK, revelando o perfil do homem e do político.

No dia 15 de maio, a convite do Presidente do Congresso Nacional e da Comissão Mista Especial, membros da Comissão, parlamentares e convidados especiais reuniram-se no Espaço Cultural Zumbi dos Palmares, da Câmara dos Deputados, para assistir à primeira apresentação pública do documentário, cabendo ao presidente da Comissão, Deputado Paulo Octávio, saudar os presentes e enaltecer o trabalho da TV Senado.

A TV Senado exibiu o documento várias vezes, em horários diferentes, apresentou-o em forma compacta de 10 minutos na Sessão Solene do Congresso Nacional e, integral, em sessão cinematográfica aberta ao público, no dia 13 de setembro, no auditório Petrônio Portella, do Senado Federal. A rede de televisão educativa também manifestou interesse em exibi-lo.

REIMPRESSÃO DE LIVROS

O Conselho Editorial do Senado Federal aprovou a reimpressão de 3.000 exemplares (limite fixado para as suas publicações) do livro “*Por Que Construí Brasília*”, de Juscelino Kubitschek; e uma quantidade menor de “*Programa de Metas*” e de “*Operação Pan-americana*”.

Embora tivesse solicitado quantidade maior, a Comissão Mista Especial compreendeu a posição do Conselho Editorial e considerou satisfatória a quantidade de exemplares. O livro de Juscelino já fora editado

pelo Senado Federal no 40º aniversário de Brasília, em abril de 2000, e os outros dois, de interesse restrito de historiadores e pesquisadores, se destinariam às principais bibliotecas públicas e universitárias do País.

Graças ao esforço feito pela Secretaria Especial de Editoração e Publicações, o livro “*Por Que Construí Brasília*” ficou pronto a tempo de ser distribuído aos convidados que compareceram à Sessão Solene do Congresso Nacional no dia 12 de setembro de 2002. Como se tratava de simples reimpressão da edição comemorativa do aniversário de Brasília, os exemplares vieram com marcador de página alusivo ao Centenário de JK, a sua obra e à Comissão Mista Especial.

SEMINÁRIO E DISCURSOS

O recesso parlamentar de julho e os preparativos para a campanha eleitoral, ocupando a atenção dos parlamentares, e levando-os a permanecer cada vez menos tempo em Brasília, tornou inviável a realização do Seminário ou Fórum aprovado pela Comissão Mista Especial. Não despertaria o interesse desejável.

A proposta de publicação dos discursos de JK, proferidos no Senado, não foi levada adiante porque no curto período em que exerceu o mandato de Senador – eleito em pleito extraordinário pelo Estado de Goiás, por 146.366 votos contra 26.800 obtidos pelo outro candidato, Wagner Estelita Campos – ele ocupou a tribuna apenas por duas vezes. Uma, ao

tomar posse, no dia de 12 de julho de 1961, outra, no dia 3 de junho de 1964, quando, informado de que era iminente a cassação do mandato, advertiu a Nação para as conseqüências da distorção nos rumos do movimento militar de 1964. O último discurso consta do CD-Rom editado pelo Senado Federal “*Grandes Momentos do Parlamento Brasileiro*”, podendo ser ouvido na íntegra, e do livro **História Institucional do Senado do Brasil**, da Vamirech Chacon, editado pelo Senado Federal, além de outros livros. Os discursos foram publicados no *Diário do Congresso Nacional*, nº 109, Seção II, págs. 1.290/91, de 13/07/1961, e nº 99, Seção II, de 04/06/1964.

MANIFESTAÇÕES E EXPOSIÇÕES

Com o apoio da Comissão Mista, começou pelo Salão Negro do Congresso Nacional o itinerário da mostra “JK - de Telegrafista a Presidente”, organizada pelo Ministério das Comunicações. Inaugurada pelo Ministro Francisco Weffort, no dia 7 de maio, com a presença do Presidente da Comissão Mista, Deputado Paulo Octávio, e de outros de seus integrantes, a exposição permaneceu aberta ao público por duas semanas, passando a ser montada, depois, em outros locais de Brasília e do Brasil. A Fundação Israel Pinheiro inaugurou, no dia 7 de setembro, nos saguões do Itamaraty, para depois seguir para outros pontos do País, a exposição “Brasil, Brasília e os Brasileiros”, situando a mudança da Capital dentro de contexto histórico mais abrangente.

Não caberia aqui listar todos os atos comemorativos do centenário de JK realizados no País, e talvez nem fosse possível incluir todos, uma vez que, como já assinalado, muitos surgiram espontaneamente, organizados por simples cidadãos que desejam prestar homenagem ao grande estadista. Mas não se pode ainda mencionar mais alguns. O *Correio Braziliense*, com o patrocínio da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos, publicou seis cadernos especiais sobre JK, o primeiro tendo circulado no dia 17 de abril e o último no dia 11 de setembro. O *Jornal de Brasília* também publicou suplementos especiais.

MOEDAS JK

O Banco Central lançou, no dia 12 de setembro, moedas de R\$1,00 com a efígie de JK e dizeres alusivos ao centenário, fundindo também certa quantidade em prata e em ouro, para colecionadores. A ECT lançou selo comemorativo.

A Fundação Banco do Brasil, por meio do Projeto Memória, entre outras iniciativas, lançou um documentário de Sílvio Tendler e imprimiu 200 mil cartilhas sobre JK.

Entre os vários livros lançados, vale citar os de Ronaldo Costa Couto, **Brasília Kubitschek de Oliveira**; Cádio Bojunga, **JK – O Artista do Impossível**; Celso Lafer, **JK e o Plano de Metas**; Carlos Heitor Cony, **Como Nasce uma Estrela**; Josué Montello, **O Juscelino Kubitschek de**

Minhas Recordações; Vera Bant, JK e o Reencontro com Brasília;
Serafim Jardim, **Juscelino Kubitschek – Onde está a Verdade?;**
Humberto Werneck, **Juscelino Kubitschek, o Tocador de Sonhos;** e
Roberto Mendonça, **Cidadão Brasil – Perfil do Estadista.**

A Comissão JK do Poder Executivo elaborou uma lista de atos e manifestações que se encontra anexada a este Relatório.

AGRADECIMENTOS

A Comissão Mista Especial registra os agradecimentos a todos os que contribuíram para o êxito das comemorações no âmbito do Congresso Nacional, especialmente ao seu Presidente, Senador Ramez Tebet, ao Presidente da Câmara, Deputado Aécio Neves, e às Mesas Diretoras das duas Casas.

Merece registro especial a colaboração dada pelo Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, Raimundo Carreiro Silva, que, além de ter contribuído, desde o início, com valiosas sugestões, não mediu esforços para que a Sessão Solene fosse o ponto alto das homenagens prestadas pelo Congresso Nacional ao Presidente JK; e pelo Diretor-Geral do Senado Federal, Agaciel da Silva Maia, que, além de ter dado todo apoio, no âmbito administrativo, aos trabalhos da Comissão Mista Especial, ainda colaborou com artigo, no **Jornal do Brasil**, alusivo ao centenário de JK (ver Anexo).

Os agradecimentos se estendem também ao chefe de Gabinete da Presidência do Senado Federal, Eustáquio Juvêncio de Lacerda, ao diretor da Subsecretaria de Relações Públicas, Francisco Etelvino Biondo, e ao servidor Marco Antônio Araújo Malachias, por ele designado para ajudar a preparar a Sessão Solene; à diretora da TV Senado, Marilena Chiarelli, e à sua substituta, Virgínia Galvez; e à maestrina Glicínia Mendes e demais integrantes do Coral do Senado.

A Comissão Mista Especial registra, igualmente, a valiosa colaboração dada pelo Conselho Editorial do Senado Federal, na pessoa do seu Presidente, Senador Lúcio Alcântara, por ter examinado e providenciado a publicação ou reimpressão de obras relativas a JK.

Agradece especialmente ao diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Júlio Werner Pedrosa, e à sua equipe, destacando o trabalho do funcionário Petrus Elesbão Lima da Silva, designado para atuar junto à Comissão Mista; e ainda ao diretor da Subsecretaria de Edições Técnicas, Raimundo Pontes da Cunha Neto.

A Secretaria Especial de Editoração e Publicações elaborou o cartaz alusivo às comemorações dos 100 anos de JK e à Sessão Solene, que foi afixado em vários locais da Câmara dos Deputados e do Senado Federal e remetido também à Comissão JK do Poder Executivo, para distribuição aos Ministérios, ao Memorial JK, ao Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e ao Aeroporto de Brasília. Além disso, reimprimiu o livro

“*Por Que Construí Brasília*” e confeccionou o marcador de páginas com o símbolo do centenário e com breve texto preparado pela Comissão Mista Especial.

A Comissão Mista Especial registra ainda o eficiente trabalho realizado pela secretária da Comissão Mista Especial, servidora Janice de Carvalho.

Sala da Comissão,

Presidente

Vice-Presidente

Relator

ANEXOS

SESSÃO SOLENE

ATA DA 13ª SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 12 DE SETEMBRO DE 2002

FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a homenagear o centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek, nos termos do Requerimento nº 81, de 2000-CN.

Oradores

Senador José Alencar

Deputado Paulo Octávio

Senador Lindberg Cury

Deputado Paes Landim

Deputado Geraldo Magela

Deputado José Antônio Almeida

Senador Arlindo Porto

Senador Valmir Amaral

- **Fala associativa da Presidência** (Senador Francelino Pereira)

Presidência do Sr. Francelino Pereira

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 22 minutos, no Plenário do Senado Federal)

SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Declaro aberta a Sessão Solene destinada a comemorar o centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Convido o Exm^o Sr. Governador do Distrito Federal, Joaquim Domingos Roriz, para ocupar lugar à mesa. (Palmas.)

Sr^{as} e Sr^s Congressistas, o Congresso Nacional tomou a iniciativa de preparar as comemorações do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira já no ano de 2000.

Naquela oportunidade, o Senador Antonio Carlos Magalhães e os Senadores Geraldo Melo, Ademir Andrade, Carlos Patrocínio, Nabor Júnior, Marluce Pinto e Eduardo Suplicy apresentaram o Requerimento nº 81, de 2000 – CN, requerendo a *criação da Comissão Mista Especial destinada a preparar os atos comemorativos do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek, que transcorrerá em 12 de setembro de 2002.*

O requerimento foi aprovado na sessão do Congresso Nacional realizada no dia 13 de setembro de 2000.

Para aquela Comissão foram designados os Srs. Senadores José Sarney, José Fogaça, Nabor Júnior, Casildo Maldaner, Pedro Simon, Antonio Carlos Junior, Hugo Napoleão, Lindberg Cury, Francelino Pereira, Antero Paes de Barros, Pedro Piva, Jefferson Péres, Carlos Wilson, Arlindo Porto, Marluce Pinto, Gilberto Mestrinho, Maguito Vilela, Mauro Miranda, Bernardo Cabral, Freitas Neto, Romeu Tuma, Ricardo Santos e Luiz Pontes, bem como os Srs. Deputados Vittorio Mediolini, Elias Murad, Walfrido Mares Guia, Eliseu Resende, Paulo Octávio, Antônio do Valle, Silas Brasileiro, Eni Voltolini, Agnelo Queiroz, Ronaldo Vasconcellos, Saulo Coelho, Osmânio Pereira, Zila Bezerra, Gilberto Kassab, Vilmar Rocha, Mário de Oliveira, Mauro Lopes, Herculano Anghinetti e Lincoln Portela.

Foram eleitos Presidente da Comissão o Deputado Paulo Octávio e Vice-Presidente o Senador Arlindo Porto, tendo sido designado Relator o Senador que tem a honra de presidir esta sessão.

A Comissão reuniu-se cinco vezes e, dentre outras providências, tomou a iniciativa de solicitar ao Presidente do Senado Federal, Senador Ramez Tebet, a reedição da coleção das obras **Programa de Metas**, **A Operação Pan-Americana** e **Por que Construí Brasília**, esta última de autoria do próprio Juscelino Kubitschek.

A **TV Senado** produziu, por iniciativa do Senador que lhes fala, documentário sobre a vida de Juscelino Kubitschek que deverá ser exibido aos visitantes do Congresso Nacional.

A Comissão concluiu elaborando o calendário das comemorações, que se estenderam por diversos Estados e se encerram com a realização desta sessão.

Vamos assistir, agora, à apresentação, pelo Coral do Senado Federal, das músicas **Canção pela Paz** e **Canção da América**.

(Procede-se à apresentação do Coral do Senado.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Tenho o prazer de convidar a Sr^a Anna Christina Kubitschek Alves Pereira para ocupar lugar à mesa. (Palmas.)

Vamos assistir, agora, à exibição de documentário sobre a vida do homenageado, produzido pela **TV Senado**. São apenas 10 minutos.

(Procede-se à exibição do documentário.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Tenho o prazer de registrar a presença de Maristela Kubitschek Lopes, que se encontra sentada à mesa a convite desta Presidência.

Passamos à lista dos oradores inscritos.

Tenho o prazer de conceder a palavra ao nobre Senador José Alencar.

O SR. JOSÉ ALENCAR (PL-MG. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, autoridades presentes, minhas senhoras e meus senhores, é excepcional a honra que cabe a cada um de nós que participa desta Sessão Solene em homenagem aos cem anos desse grande brasileiro que foi o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Cem anos são passados desde que, naquele pequeno burgo, cintilante de minérios e mineiros, nascia um menino humilde, cujas origens não prometiam ao novo brasileiro ir além dos limites daquele relicário para sempre tortuoso. Os sinos então silentes de Diamantina, como suas pedras, testemunhas estas de um ciclo importante de nossa história, não anunciaram

em 12 de setembro de 1902 que havia chegado ao mundo o infante Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Nada mais irrevelável do que a predestinação. O filho de um garimpeiro e de uma professora, manejando não mais do que uma vontade determinante, aliada a uma profissão de fé em seu país, certeza que sempre o acompanhou, ousaria transformar o Brasil em Nação verdadeiramente soberana. Obstinação, lucidez e trabalho foram as divisas de JK, a partir do seu encontro com a vida. Órfão de pai aos três anos de idade, o pequeno Juscelino cresceu assim sob a doce autoridade de Dona Júlia, que lhe assistiu com os escassos recursos de sua lida. Permitiu-lhe o fado, contudo, que iniciasse e concluísse os primeiros estudos em Diamantina, transferindo-se, em 1917, para Belo Horizonte. Na Capital do Estado, logra obter em concurso um cargo de telegrafista, exercido juntamente ao estudo da Medicina, que o faz clínico respeitado com especialização na França, mais tarde valendo-lhe nomeação para médico da Força Pública Mineira. Em 1931, escolhe Sarah Gomes de Lemos para a ele unir-se por toda a vida, companheira que, expressando a tradição da mulher brasileira, não deixa faltar a Juscelino o constante e necessário ânimo à sua caminhada desafiadora.

A jornada de Juscelino Kubitschek rumo ao Planalto e à glória inicia-se em 1934, quando se elege Deputado Federal pelo Partido Progressista. As vicissitudes causadas pelo golpe que deságua no Estado Novo interrompem seu mandato parlamentar, mas o conduzem, em 1940, à

Prefeitura de Belo Horizonte. Em cinco anos de gestão da cidade, esse é o primeiro período de grande consagração do administrador, do humanista. Provou Juscelino, em uma quadra de históricas dificuldades, que o município é mais que uma ficção, por isso instalando, com uma política urbana revolucionária, o moderno conceito de que o morador é o usuário daquele chão e, como o verdadeiro condômino responsável pela formação dos recursos públicos de que dispõe o Tesouro, é também seu único destinatário. Aquela Belo Horizonte em formação que Juscelino encontrara transforma-se então em uma metrópole pujante, sem perder, todavia, o perfume das magnólias. O dinâmico Prefeito atendeu às demandas dos serviços públicos e garantiu espaços vanguardistas à cidade, dotando-a, por meio do gênio recorrente de Niemeyer, um dos artífices de sua futura consagração, de um conjunto de atrações espetaculares, entre elas as que compuseram a majestosa Pampulha, já dito como um poema de água e de pedra. Por suas ações modernizantes, a presença de Juscelino na Prefeitura de Belo Horizonte ainda é um divisor de águas na extensa galeria dos que geriram a Capital dos mineiros.

Encerrado o seu período como Prefeito, em 1945, elege-se, a seguir, Deputado Federal, dedicando-se ao mandato com zelo e entusiasmo.

No dia 3 de outubro de 1950, pelo Partido Social Democrático – o PSD –, é conduzido ao Palácio da Liberdade. À frente do Executivo de Minas Gerais, fixa suas ações administrativas no binômio energia e transporte anunciado na campanha.

Há muitas histórias sobre o Presidente Juscelino e existem também lendas, algumas objeto de citações por historiadores do seu tempo e da sua vida. Mas há uma história, Sr. Presidente, que peço permissão para contar aqui. Em Brasília, aqui no Congresso Nacional, numa sessão solene de homenagem a Juscelino, com a presença ilustre de membros da sua família, temos que conversar um pouco, até menos formalmente, porque estamos aqui todos irmanados naquele propósito de reverenciá-lo e de nos lembrarmos desse brasileiro que foi um exemplo para cada um de nós. A verdade é que há também quem diga que o Estado de Minas não tem mar por culpa de Juscelino. Então, essa história tem que ser trazida aqui. Havia em Minas Gerais, no Nordeste do Estado, uma região contestada, o Município de Mantena. Aquela região não pertencia nem a Minas nem ao Espírito Santo enquanto não se acertassem as divisas de comum acordo. Quem ali se estabelecesse não pagava o Imposto de Vendas e Consignações nem a Minas nem ao Espírito Santo. Isso até fez com que a cidade e o Município de Mantena crescessem um pouco porque era um incentivo por força daquele tempo de contestação da área. Havia lá um cidadão chamado José Fernandes, o Fernandinho, um grande amigo do Juscelino. Era do PSD e cabo eleitoral, fazendeiro na região contestada. Sua fazenda era grande, com muitos empregados, alguns dos quais denominados “os cabras do Fernandinho”.

Fernandinho resolveu avançar pelo território do Espírito Santo e foi avançando com a cerca cada vez mais dentro do território capixaba. Até

que houve um confronto de seus cabras com a polícia militar do Espírito Santo e a perda de um policial de lá.

O Governador, então, entrou em contato com o Governador Juscelino Kubitschek. “Governador, o senhor tem um amigo lá em Mantena? Está acontecendo isso. O senhor me poderia ajudar porque temos a maior consideração com o senhor. Ficamos sabendo que ele é um correligionário do senhor”. Então, Juscelino mandou buscar o Fernandinho ao Palácio da Liberdade e lhe disse: “Fernandinho, você faz o favor de voltar com a sua cerca para o lugar onde ela sempre esteve”. Fernandinho relutou um pouco. Juscelino disse assim: “Eu sou candidato à Presidência da República. Preciso do apoio de todos os Governadores de todos os Estados. Preciso do voto de todos os brasileiros. Você volta com a sua cerca. Mando você, na Presidência da República, para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos da América”. Aí o Fernandinho disse: “Ora, Doutor, mas logo agora que estávamos quase chegando no lagoão!”. Lagoão era o mar. Mesmo assim concordou em recuar a cerca.

Juscelino Kubitschek mais tarde candidatou-se à Presidência da República e foi vitorioso. Já na segunda, terceira semana de mandato, Fernandinho foi ao Palácio do Catete. E um belo dia, chegando ao Palácio, o saudoso Ministro José Maria Alkmin disse: “Presidente, aí fora está o Fernandinho” – o Ministro era testemunha do diálogo entre Fernandinho e Juscelino no Palácio da Liberdade – “Ele disse que já está aí há uns três

dias”. “Bom, deixe-o entrar. E você não saia”, disse ao Ministro José Maria Alkmin.

“Como vai, Fernandinho? E a terra? E Mantena? Tem chovido? Não tem chovido? Como estão as coisas?” “Pois é, Presidente. O negócio da embaixada, não é?” Então, Juscelino disse ao Ministro José Maria Alkmin: “Você vai ao Itamaraty porque nosso compromisso vai ser cumprido. O Fernandinho vai para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos. E você vai com ele”. José Maria Alkmin saiu, deixou Fernandinho no corredor, voltou e disse: “Mas, Presidente, o Fernandinho não liga duas palavras em português”. Juscelino: “E quem vai descobrir isso lá nos Estados Unidos da América?” (Risos.)

José Maria Alkmin, muito inteligente, no caminho já pensou em como resolveria o problema. Chegaram ao Itamaraty e resolveram que Fernandinho seria Adido Comercial junto ao Consulado do Brasil em New Orleans, e ele foi. Mais tarde, o Presidente Juscelino esteve em Ubá, depois de ter o seu mandato cassado, e alguém levantou essa história. Ele disse: “Fernandinho foi o melhor Adido Comercial que o Brasil já teve. Agora, me dava um trabalho danado, porque, de vez em quando, ele queria anexar os Estados Unidos da América”. (Risos.)

Vejam que essa história tem uma parte de verdade, tem uma parte de lenda, mas tem que ser trazida num momento como este, em que todos nós queremos recordar aqueles tempos em que Juscelino fez com que o Brasil retomasse a sua auto-estima. O grande trabalho de Juscelino não foi

Furnas, não foi Três Marias, não foi a rodovia Belém – Brasília, não foi Brasília, mas sim a recuperação da auto-estima do povo brasileiro, que passou a acreditar que o Brasil era um país que podia ir para a frente. Antes dele, até a enxada, um instrumento tão rudimentar, tinha que ser importada da Inglaterra, porque não éramos capazes de produzi-la. Os ônibus, que chamávamos de jardineira, os chassis com as carrocerias eram importados. Nós não fazíamos nada, nem as carrocerias dos ônibus. Vejam que essa é uma obra que realmente marca um tempo de antes e depois de Juscelino.

Mais uma oportunidade abre o destino para que o mineiro, hoje centenário, demonstre sua operosidade, rasgue estradas em todo o território e instale a Cemig, agência indutora da industrialização. A diligência de Juscelino ao fundar a Cemig, é valioso ressaltar, define-se como de natureza estratégica. Juscelino, como predestinado, era aliado do futuro e tinha para si a certeza de que a geração de energia era urgente e indispensável para o desenvolvimento. Impossível, portanto, aguardar-se do setor privado, tal o grau de investimento e de capacitação técnica necessários ao empreendimento. Só o Estado teria como viabilizá-la. E foi assim que ergueu a Cemig - Centrais Elétricas de Minas Gerais - hoje uma organização modelar, universalmente reconhecida.

Foi, sem dúvida, a força administrativa de Juscelino, demonstrada no Governo de Minas, quando ali inaugurou uma era de desenvolvimento e otimismo, aliada à sua personalidade sedutora, que abriu seu caminho à Presidência da República em momento de grande

perplexidade nacional. Detentor de indiscutível aptidão e talento para a conciliação, soube JK exercê-la na chefia da Nação como vertente moderadora às graves e quase insuperáveis crises que seus inimigos tramaram contra a República e a democracia. Delas saíram vitoriosos as instituições e o cidadão Juscelino Kubitschek.

Só um fenômeno predestinatório pode justificar a difícil ultrapassagem dos obstáculos de sua marcha por fim vitoriosa e a serena defesa de tantas infâmias a ele atiradas. Se a predestinação tem algo de transcendental à nossa compreensão, a humildade de Juscelino e sua invariável tolerância revigoraram suas convicções democráticas e prestam-se para todos nós, ao melhor exemplo da transigência e da magnanimidade na convivência política, práticas também ditadas por sua tendência liberal, responsáveis por antecipação apoteótica de sua glória.

Aqui também me faz lembrar um outro caso que tenho de lhes contar. Juscelino era Presidente. No Rio de Janeiro, o Palácio do Catete era administrativo e o Palácio das Laranjeiras residencial. E um cidadão amigo dele, seu eleitor, de uma cidade do norte de Minas, Janaúba, teve que pernoitar no Rio e se lembrou de que todos de sua família votaram no Presidente Juscelino. Resolveu, então, fazer uma visita ao Presidente Juscelino. Lá pelas 20 horas, chegou ao Palácio do Catete, e a guarda do Palácio não permitia que o cidadão entrasse para falar com o Presidente, já que dizia que queria falar com ele, pois era seu amigo, todos de sua família eram amigos, que seu pai havia votado nele, a mãe e todos de sua região,

que o Presidente o conhecia, que esteve em sua campanha e estava lá apenas para dar-lhe um abraço. A guarda respondia que ele não havia previamente marcado nada, que não era assim.

O Palácio do Catete tem a sua construção rés-do-chão, passavam todos ali e, de repente, as pessoas começaram a parar, e alguém disse que uma hora daquelas o Presidente estava no Palácio das Laranjeiras, ali perto. E lhe ensinou o caminho. Assim, o cidadão se dirigiu ao Palácio das Laranjeiras. E lá, quando chegou, o pessoal da segurança já tinha sido alertado sobre a intenção do conterrâneo do Presidente. Mas ele fez um esforço enorme na portaria, até que chegou ao conhecimento do Presidente. Sendo assim, o Presidente mandou que eles o trouxessem – já eram 21:30 horas. E eles o levaram até o interior do Palácio das Laranjeiras que, como todos sabem, fica em um bosque. Juscelino o recebeu, mandou-o sentar, serviu-lhe café, perguntou pela região – como vai, como não vai –, e o cidadão ficou exultante, emocionado e depois se despediu e foi embora.

Então, alguém disse: "Mas, Presidente, o senhor é um homem tão poderoso, receber esse cidadão, de cujo nome nem se lembrou. São 22 horas, e o senhor abrir mão da sua privacidade, no Palácio Residencial, um homem tão importante como o senhor?" E o Presidente respondeu: "Eu não sou importante, importante é o cargo que ocupo, a Presidência da República. É de fato um cargo muito importante. Só que esse cargo não me pertence, mas sim ao povo brasileiro. (Palmas.) E pode estar certo de que

esse cidadão, com toda sua simplicidade, foi uma das pessoas que me colocaram aqui”.

Essa é uma característica de Juscelino. São tempos que não voltam, porque é muito difícil que haja novamente um homem da marca, da cepa, da coragem, da dedicação, do amor, da humildade, da determinação de Juscelino Kubitschek. Ele realmente mudou o Brasil. É pena que não tenha voltado em 1965, como planejado.

O estilo conciliatório e desarmado de Juscelino, unido aos altos propósitos que elegeu e cumpriu de fortalecimento da causa e dos interesses nacionais em todos os níveis, despertando nossas energias entorpecidas e assim projetando definitivamente o Brasil no concerto internacional, sempre pelas luzes de seu invulgar talento, inspirou seu inesquecível líder na Câmara dos Deputados, o vigoroso mineiro Paulo Pinheiro Chagas – aquela mesma inteligência que equacionara a relação existencial de Milton Campos e Juscelino Kubitschek ao definir que Milton falou ao tempo e que Juscelino falou ao espaço –, a compor o mais belo e perfeito traço biográfico de Juscelino.

Em síntese feliz, o saudoso tribuno abrangeu os sonhos e a realidade de Juscelino. O mais faiscante aforismo de nossa era, construído entre quimeras e acertos, predizia sobre JK: “Juscelino, contemporâneo do futuro”. A predestinação de Juscelino se cumpriu tão inteiramente, que,

embora amargando em vida tantas injustiças, foi também, como poucos, contemporâneo de sua própria glória.

As lágrimas na inauguração de Brasília, ele as recolhera como a justa certificação de seu triunfo e a antecipação de sua glória. Por isso, derramou ali incontido choro. A antecipação daquela almejada glória não se fez apenas no momento em que se queria só. A glória, bem o sabemos, é um novo juízo dos homens e do tempo. Para a glória de Juscelino, não houve tempo. É a essa glória do grande brasileiro que o Senado da República se curva hoje, com ela se rejubilando, neste mesmo espaço em que Juscelino, num momento dramático da vida nacional, com dignidade e destemor, despediu-se de seus Pares ao premunir a iminência da violenta cassação de seu mandato de Senador e a suspensão de seus direitos políticos.

No ocaso de sua admirável existência, Juscelino conviveu, compensatória e merecidamente, com esse sentimento mágico, e a profunda comoção de seus patrícios quando o perderam era a insólita glória de não o terem para sempre.

A confirmação da merecida glória do homem bom das Minas Gerais, do amante das serenatas e do desenvolvimento, é que faz a certeza de muitos de que Juscelino não morreu. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Com prazer, concedo a palavra ao nobre Deputado Paulo Octávio. (Palmas.)

O SR. PAULO OCTÁVIO (PFL-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmº Senador Francelino Pereira, Presidente desta Sessão Solene; Exmº Governador Joaquim Roriz; Exmº Senador José Alencar, que proferiu agora a bela homenagem ao nosso inesquecível JK; minha mulher, Anna Christina, Presidente do Memorial JK; Maristela Kubitschek Lopes, que nos honra com sua presença; meus amigos; Sr^{as} e Srs. Parlamentares; minhas senhoras e meus senhores, brasilienses, quero aqui justificar a ausência do Senador Arlindo Porto, que hoje está em Diamantina, representando a Comissão do Congresso que trabalha nos preparativos deste centenário. S. Ex^a me pediu que transmitisse o seu abraço a todos os presentes.

Quero dizer do meu privilégio em subir à tribuna da Câmara Alta para discursar em homenagem ao centenário do nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. V. Ex^a, Sr. Presidente, e todos os amigos e colaboradores de JK sabem a diferença entre o País que existia antes do Governo JK e o que passou a existir depois.

Peço vênias para citar um ex-Presidente desta Casa, o Senador Antonio Carlos. São dele as palavras: “JK foi o grande responsável pela industrialização brasileira, o homem do Brasil grande, que, com o plano de

metas e objetivo desenvolvimentista, mudou a face da Nação, criando as bases de um amanhã feliz para o povo brasileiro”.

O Presidente Juscelino explica, em seu livro *Por que construí Brasília*, as razões por ter empreendido caminho tão difícil. Diz:

“Enquanto não chega aquela hora neutra, em que todos nós seremos apenas memória, julgo ainda no meu dever explicar o que fiz. O Imperador D. Pedro II, no fecho de um soneto, dizia aguardar a justiça de Deus na voz da História. Na verdade, ao verificar que minha obra maior teve o seu prosseguimento natural em benefício exclusivo do Brasil, dou-me por bem pago de todas as lutas que travei. O importante, numa batalha, não são os mortos, os feridos, mas a praça conquistada”.

Brasília é um sonho que atravessa constituições e muitas crises. Figura até mesmo nos ideais dos inconfidentes mineiros. Transformou-se numa possível realidade no primeiro comício da campanha presidencial, no dia 04 de abril de 1955, na cidade de Jataí. Toniquinho, o apelido de Antonio Soares Neto, aqui presente, perguntou: “Se eleito, JK cumpriria a Constituição e faria a transferência da capital para o Planalto Central?”. A resposta, positiva, provocou delírio da platéia, pequena, tímida, desacostumada a receber candidatos à Presidência da República. Disso se lembra o Toniquinho, que está aqui conosco. (Palmas.)

Meu abraço ao Toniquinho, que nos acompanha em todos os momentos!

Daquele instante em diante, a epopéia da construção de Brasília vem sendo cantada em prosa e verso. Houve o traço genial de Lúcio Costa, o brasileiro de gestos finos, educadíssimo, irônico, nascido em Paris; da juventude de Oscar Niemeyer; da participação decisiva de Israel Pinheiro e da coragem de Bernardo Sayão. Uma multidão de trabalhadores anônimos acreditou na promessa do Presidente, e a cidade começou a tomar forma.

Juscelino Kubitschek já tinha sido um arrojado prefeito de Belo Horizonte. Lá, entre outras reformas, construiu o lago da Pampulha e colocou nas suas margens a Igreja de São Francisco, um original projeto de Niemeyer, com esculturas de Ceschiatti e desenhos de Portinari. O JK que emerge nacionalmente, após profunda crise institucional, já se tinha provado no exercício da política mineira. Era um homem de iniciativa. Não temia o desafio.

É incrível que esse homem nascido de família pobre, em Diamantina, filho de Dona Júlia, viúva aos 23 anos, tenha se formado em Medicina, exercido seu ofício na Polícia Militar do Estado e reunido as condições para fazer da política o meio de modificar o Brasil. Muitas capitais foram construídas. Brasília não é uma exceção. Exemplos são vários: Constantinopla, Pequim, Madri, Washington, Ottawa, entre outras. Mas a nova capital brasileira era a meta-síntese de um projeto de governo

arrojado, destinado a tirar o País do litoral e revelar a seus nacionais os então chamados vazios demográficos.

Abro um rápido parêntese, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. convidados. Estamos falando de um País de 50 milhões de habitantes. Era esse o universo de JK. A maioria da população vivia nas cidades do litoral. O interior era não apenas longínquo, como, no mais das vezes, inacessível. Viajar por terra de Goiás para o Rio de Janeiro significava um trajeto de meses.

E se Brasília não tivesse sido construída? O que seria do Brasil de hoje? Em que situação de degradação estariam cidades como Rio, São Paulo e Belo Horizonte? Essa é uma pergunta incômoda, que provoca resposta desconfortável. A transferência da capital era, na época, uma necessidade capaz de ferir até os olhos menos sensíveis.

Hoje o Brasil precisa caminhar mais e mais para o noroeste e ocupar as áreas que ainda podem ser chamadas de vazios demográficos. Mas o Presidente dos anos 50 enxergou o que ninguém viu. E transformou o País. Criou a indústria automobilística e abriu o ciclo de desenvolvimento industrial iniciado em São Paulo. Construiu hidrelétricas pelo País, rasgou o País com asfalto, uniu regiões e permitiu o surgimento de novas cidades. Gerou, enfim, esperanças.

Vale lembrar que o Brasil vinha do trauma brutal do suicídio do Presidente Getúlio Vargas e da deposição de dois sucessores que tentaram o golpe militar. O cenário político era absolutamente adverso. Ele, aliás, enfrentou sublevação de oficiais da Aeronáutica logo ao início de seu mandato. Respondeu com perdão e anistia. JK é, portanto, um exemplo único de perseverança no seu otimismo e na sua fé inquebrantável no futuro deste País.

Nenhum político neste País, com obra assemelhada, passou pelos constrangimentos de Juscelino Kubitschek. Seu sucessor, aquele da vassoura, que prometia varrer a corrupção do Brasil, tentou um desastrado golpe de Estado e renunciou à Presidência da República nove meses após sua posse. Depois vieram os inquéritos militares, as prisões e, finalmente, o exílio. Juscelino foi proibido, inclusive, de visitar Brasília. Ele só foi aqui recebido, de maneira triunfal – e Maristela e Anna Christina Kubitschek lembram-se bem disso –, quando a multidão foi às ruas para levar seu corpo à última morada em agosto de 1976.

Hoje, portanto, Sr. Presidente, Sr. Governador Joaquim Roriz, estamos repetindo Juscelino Kubitschek: “O importante na batalha não são os mortos e os feridos, mas a praça conquistada”. A voz da História se fez presente através desta linha sinuosa que os fatos traçaram ao longo da existência e levaram o Senado a realizar esta Sessão Solene comemorativa do centenário do nascimento do grande Presidente. Todos os insultos, agressões, provocações e grosserias desceram pelo ralo dos assuntos

desimportantes. Restou incólume a obra do estadista. Ele a tudo enfrentou, tendo como defesa apenas sua consciência e sua profunda solidão.

O Brasil é um antes de JK e outro depois dele. A obra é maior do que seus opositores. Eles se apequenaram ao longo dos tempos. Perderam importância. Releva-se a disposição de construir, fazer, convocar a criatividade nacional para o grande salto dos cinquenta anos em cinco. O Centro-Oeste foi descoberto, o Sul uniu-se ao Norte, o Brasil se revelou aos brasileiros. O interior, inacessível e distante, mostrou sua vocação agrícola e industrial. Novas cidades surgiram. Os 120 milhões de brasileiros que nasceram após a Era JK encontraram outros caminhos a seguir dentro do território nacional.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. convidados, a obra de Juscelino é perene. Ficará na História do Brasil como marca da capacidade brasileira de criar, trabalhar e cumprir prazos. Trata-se de um ciclo gerado pela inteligência nacional, pela capacidade de antever o futuro. Brasília é a síntese desse momento extremamente rico, tanto na política quanto na administração. Quero chamar a atenção dos senhores e das senhoras aqui presentes para o fato de que estamos reunidos em local que, há pouco mais de quatro décadas, era inabitado, mato puro, região conhecida como vazio demográfico.

Ele previu tudo. Disse que esta solidão, neste Planalto Central, haveria de se transformar no cérebro das altas decisões nacionais. Aqui

estamos no Senado da República. Juscelino é tudo isso: o homem que adotou o sorriso e a negociação como marca registrada, a galinha ao molho pardo como prato predileto e a jabuticaba como sobremesa. E entendeu como ninguém que a mania do brasileiro é o desenvolvimento. O povo desta terra é trabalhador e criativo. É capaz de vencer a adversidade. A história faz agora justiça ao grande brasileiro. Esta é a praça conquistada, um lugar de destaque único na memória nacional.

Faço aqui o meu agradecimento. Há uma semana, eu estava no Memorial JK, quando saía uma cavalgada de diamantinenses que vieram a Brasília percorrer um trajeto e que estão hoje chegando a Diamantina. Estava eu naquela solenidade, ao lado de minha mulher, Anna Christina, e do Governador Joaquim Roriz. Tocaram-se músicas, houve aquela cerimônia simpática, naquela manhã bonita, com o céu inigualável de Brasília, e, de repente, senti que duas lágrimas correriam pela minha face e constatei que não eram lágrimas de tristeza, mas, ao contrário, de profunda alegria, alegria de morar nesta cidade. Meu pai e minha mãe, aqui presentes, tiveram a coragem de acreditar no sonho de JK, a exemplo de milhares de brasileiros, o que me trouxe para cá. Fiz a minha vida nesta cidade. Amo esta cidade. Naquele momento, senti que eu não gostava de Brasília, mas sim a amava. Amo muito Brasília! Amo os moradores desta cidade! Amo essa gente gostosa, essa gente candanga! Sou muito grato a Brasília e a Juscelino.

A vida me deu dois filhos, descendentes diretos, nascidos em Brasília. Dois candanguinhos estão aqui, fazendo história nesta cidade. Vou fazer tudo, tudo na minha vida, para defender o desenvolvimento desta cidade. Vou fazer tudo que Deus me der força para tentar consolidar Brasília, como era o sonho de JK.

Muito obrigado a todos por estarem aqui presentes!

Viva Brasília! Viva JK! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Convido, agora, o nobre Deputado Paulo Octávio, Presidente da Comissão Comemorativa do Centenário do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, a compor a mesa. É uma oportunidade que lhe estamos concedendo, para que V. Ex^a possa ficar perto de sua esposa, Anna Christina Kubitschek, de quem anda um pouco distante em razão da campanha eleitoral.

Concedo a palavra ao Senador Lindberg Cury, representante do Distrito Federal.

O SR. LINDBERG CURY (PFL-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Francelino Pereira, que preside esta solenidade tão importante da comemoração do centenário do grande brasileiro que é Juscelino Kubitschek; Exm^o Sr. Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz; Senador José Alencar; demais Sr^{as} e Srs. Senadores; Sr^{as} e Srs. Deputados; Srs. Ministros e Srs. ex-Ministros, saúdo a Sr^a Maristela Kubitschek Lopes, filha de JK, e a sua neta, Anna Christina. Cumprimento, enfim, todos os brasilienses que aqui estão hoje e todos os brasileiros que compareceram a este grande evento.

Confesso que não estava programado um pronunciamento meu. Seria muita ousadia minha, depois de ouvir as palavras do Senador José Alencar e as palavras evocativas, brilhantes e sentimentais do Deputado

Paulo Octávio, vir a esta tribuna e acrescentar algo. Entretanto, esta é a palavra de um pioneiro. O ímpeto me trouxe até aqui.

Eu era um jovem ainda, morava naquela região, na cidade de Anápolis, quando pela primeira vez ouvi falar em Juscelino Kubitschek de Oliveira. Ele era Prefeito de Belo Horizonte. Mais tarde, foi Governador de Minas Gerais. Esse homem se candidatou à Presidência da República, enfrentando, naquela época, as maiores forças políticas do nosso País.

Há quatro anos, fui conhecer, em Jataí, o local onde se fez o memorável comício em que o irrequieto e também audacioso Toniquinho, aqui presente, perguntou a Juscelino se ele iria cumprir a Constituição. Ele disse: “Sim, vou cumprir”. Toniquinho perguntou: “O senhor vai construir uma nova cidade no interior de Goiás?”. Ele disse: “Sim”. Naquela noite, houve uma chuva, uma chuva de bênçãos, e a pequena população que ali estava adentrou uma oficina mecânica, onde ele continuou a fazer um dos seus primeiros comícios para a sua candidatura à Presidência da República.

Como eu disse, eu morava em Anápolis. Via passar aquelas grandes máquinas, poderosas para a época. Havia um movimento enorme. Tive a curiosidade de vir, por volta de 1957, pela primeira vez, a Brasília. Nós nos levantamos às cinco horas da manhã e viemos num caminhão. Passamos por Corumbá de Goiás, por Brazlândia – que era apenas uma rua, onde havia um ponto de parada – e chegamos a Brasília por volta de dezessete ou dezoito horas.

Era uma miscigenação de raças, com gente de toda parte. Havia algo muito interessante: um sentimento de criar uma nova pátria. Eu, jovem, movido por esse sentimento, resolvi também vir para Brasília. Nessa ocasião, tive o privilégio de fornecer, para as primeiras companhias construtoras que aqui se instalavam, nos seus acampamentos, gêneros alimentícios, já que meu pai tinha um armazém na cidade de Anápolis. Eu vinha aqui entregar as mercadorias. Cada vez que eu fazia essa entrega, esse sentimento de brasileiro se apoderava de mim.

Mudou o sentimento do nosso País. Houve uma transformação em torno desse objetivo de criar uma nova capital no centro do nosso País. Creio eu que muitos fizeram a mesma coisa.

Talvez um jovem de Luziânia, que começava, timidamente, uma campanha política, jamais imaginasse que um dia seria Governador de Brasília. Refiro-me, é claro, ao Governador Joaquim Roriz. Acredito que muitos que aqui estão e chegaram a esta cidade nas primeiras horas, como o amigo Gilberto Amaral, Osório Adriano e tantos outros, também pensavam assim. Eu mesmo, simples estudante da cidade de Anápolis, jamais imaginei um dia estar na tribuna mais nobre do nosso País, e o que é mais importante, para falar sobre Juscelino.

Vi as primeiras máquinas marcarem, em forma de cruz, o plano urbanístico de Brasília. Muitos acreditaram, poucos duvidaram da

construção da capital. E Brasília foi crescendo. Lutávamos com todo denodo e com coragem para que Brasília fosse à frente.

Posteriormente, surgiu o “movimento das vassouras e das vassouradas” apregoando que a capital do Brasil deveria voltar a ser o Rio de Janeiro. Havíamos depositado nossas esperanças nesta capital. Foram os aventureiros que criaram Brasília – os nordestinos, a maioria, os goianos, os mineiros. As grandes empresas paulistas aqui não chegaram. Paulistas e pessoas de outros Estados chegaram após o início da construção de Brasília.

A linha majestosa e arredondada de Oscar Niemeyer e o plano urbanístico de Brasília retratavam um novo modelo de habitação. A obra de Lúcio Costa serviu de inspiração para outras cidades do mundo. Oscar Niemeyer construiu, nas partes principais do mundo árabe, novas capitais. Seu projeto é marcante. Estive em Catar, representando o Congresso Nacional numa missão das Organizações Mundiais do Comércio, e vi projetos de Oscar Niemeyer voltados para a criação de uma nova cidade destinada a ser o centro de desenvolvimento, o centro político daquela capital.

Brasília foi fruto de uma determinação. Juscelino Kubitschek foi um ousado e determinado Presidente. É incrível como se pode fazer uma cidade em três anos! É incrível como se pôde convencer a população brasileira a vir para o coração do Brasil! Além de muito patriotismo, era

preciso acreditar nesse Presidente, ousado e destemido, que fez com que tudo se realizasse. Hoje, Brasília é uma cidade privilegiada.

Meus amigos, Brasília foi construída. Veio a revolução. Eu estava na Presidência da Associação Comercial quando surgiu o movimento da luta pela democracia. Sofri punições e fui chamado diversas vezes ao SNI. Entretanto, a verdade deve ser dita: o movimento revolucionário realmente consolidou Brasília como a Capital Federal. É preciso reconhecer esse mérito.

Sr. Presidente, Sr. Governador, Srs. Parlamentares, todos já falaram sobre Juscelino, mas eu ainda queria registrar um momento meu de extrema felicidade. Quis o destino que um dia eu fosse ao Banco do Brasil visitar a Carteira Agrícola para tratar de um problema. Lá estava o Dr. Antônio Álvares. Qual não foi a minha surpresa quando encontrei também o Presidente Juscelino Kubitschek. Ao ser solicitado a comparecer à Presidência, o Dr. Antônio Álvares chamou-me num canto e perguntou: “Você poderia fazer companhia ao Presidente Juscelino?” Respondi: “Com toda a honra e com toda a emoção”. Eu nunca tive a oportunidade de encontrar-me com Juscelino. Nos primeiros anos de Brasília, a multidão não me deixava aproximar desse homem que eu tanto admirava para dar-lhe um abraço. Porém, fiquei ao seu lado numa sala. A reunião da Diretoria com a Presidência do Banco do Brasil demorou cerca de duas horas e foi um privilégio que Deus me deu em minha vida. Aquele homem com 73 anos era o mesmo cidadão corajoso, objetivo e otimista que delirava com o novo

capim de sua fazenda em Luziânia. O homem que construiu a maior Capital do mundo vivia com o mesmo entusiasmo a construção de uma pequena fazenda. Saí de lá todo emocionado, com lágrimas nos olhos.

Hoje, agradeço a Deus por aqueles momentos de felicidade. Percebi que aquele homem não tinha mágoa de ninguém. Ele não criticou, em nenhum momento, o que lhe fizeram de injustiça. Foi o homem da industrialização, da rodovia Belém-Brasília, das hidrelétricas, de Brasília e da abertura de um novo mundo para esta Capital. Também não elogiou suas obras, mas disse que tinha muitas saudades de Brasília.

Pouco tempo depois, morreu o maior estadista que já houve em Brasília. (Palmas.) E o maior movimento da população foi acompanhá-lo até lá.

Sr. Presidente, agradeço a V. Ex^a por esta oportunidade. Eu tinha que registrar, neste momento, o testemunho de um pioneiro, de quem veio para cá e viu o cerrado transformar-se num grande centro de desenvolvimento e das decisões nacionais.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Paes Landim.

O SR. PAES LANDIM (PFL-PI. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr. Governador de Brasília, Sr^a Maristela Kubitschek e demais familiares do ex-Presidente aqui presentes, Dr. Ronaldo Costa Couto, eminente historiador e biógrafo de Juscelino Kubitschek, Sr. Embaixador Marcelo Jardim, Sr^a Ministra Anadyr Mendonça, Srs. Deputados e Srs. Senadores, minhas senhoras e meus senhores, saúdo todos na pessoa de um bravo mineiro, o nosso ex-colega Reitor João Herculino.

A Câmara dos Deputados havia requerido uma sessão em homenagem ao Presidente Kubitschek, cuja data, em princípio, indagava-se se seria antes ou depois de setembro. Com a decisão do Senado Federal de realizá-la no dia exato do centenário de nascimento de JK, o Presidente Aécio Neves designou-me para falar em nome da Câmara, razão disso, interrompi minha campanha e cheguei hoje do Piauí para estar presente a esta solenidade.

O Senador José Alencar descreveu muito bem a trajetória de Kubitschek, seus passos iniciais, mas omitiu um traço interessante, contado pelo saudoso Austregésilo de Athayde em suas memórias. Em conversa com o reitor do Seminário de Diamantina, este lhe contou que, um dia,

chegou lá Dona Júlia, viúva, com um salário modesto de professora, pedindo-lhe que aceitasse o filho no seminário. Juscelino tinha uma vontade louca de estudar, de aprender e vivia sempre em contato com livros. E o reitor não teve dúvidas em aceitar o pedido de Dona Júlia, porque notou naquele jovem uma curiosidade imensa. E aí começa a trajetória histórica do Presidente Kubitschek, sobretudo a trajetória da determinação.

O saudoso Senador Roberto Campos, em suas memórias, conta um traço significativo da personalidade de Juscelino Kubitschek. Em sua posse, o Vice-Presidente Richard Nixon veio representar os Estados Unidos aqui no Brasil. Ali mesmo, na solenidade de posse, convidou o Vice-Presidente Nixon – que depois seria Presidente dos Estados Unidos – a visitar Volta Redonda no dia seguinte, pois tinha um projeto de expandir a siderurgia no Brasil e precisava de um empréstimo para que se iniciasse imediatamente seu Plano de Metas nesse campo. O Vice-Presidente Nixon aceitou o convite, e, no dia seguinte, viajaram juntos o Vice-Presidente Nixon, o Presidente Kubitschek, Roberto Campos, Lucas Lopes e Cleantho de Paiva Leite, em um avião DC-3. Kubitschek então sempre cercado do que havia de melhor na inteligência nacional. Ali mesmo, convenceu o Vice-Presidente Nixon a ligar para Washington, e assim se conseguiu o primeiro grande empréstimo internacional para o Brasil. Esse era um traço marcante da sua personalidade.

Foi um grande Governador de Minas. Gostaria de registrar as palavras ditas no livro do Embaixador Aluizio Napoleão – pai do

Governador do meu Estado, Hugo Napoleão –, que foi Chefe de Cerimonial do Presidente Juscelino Kubitschek: “Juscelino era um homem impregnado de uma visão permanente de futuro”. Essa era a marca registrada de Juscelino Kubitschek, tão bem enfatizada aqui pelo Senador José Alencar.

Quando Juscelino candidatou-se à Presidência da República, houve um comício em Teresina. Ao saudá-lo, o então Deputado Hugo Napoleão, avô do atual Governador do Piauí, com muita propriedade, dizia algo para o qual nem Minas Gerais nem o País, talvez, tenham atentado: o Governo de Juscelino causou tanto impacto na sociedade brasileira, em todos os níveis, que se esqueceram das revoluções cultural, social, econômica e até política introduzidas por ele em Minas Gerais. O Deputado Hugo Napoleão foi muito feliz ao saudá-lo naquele comício, pois expressou bem a confiança depositada pelo Brasil naquele administrador moço, então Governador de Minas Gerais. Dizia Napoleão que “Juscelino sacudira o marasmo das montanhas mineiras, perfurando-lhes as entranhas em busca de minério, represando suas águas para transformá-las em fontes de energia, rasgando-lhes as encostas para nelas construir estradas que conduzissem às suas riquezas, cumprindo, assim, seu próprio programa de governo”.

Juscelino Kubitschek traçou a meta do Governo de Minas Gerais: energia e transporte. Não quero me alongar sobre suas obras em Minas, mas cito apenas Três Marias e depois Furnas, a maior usina hidrelétrica da América Latina de seu tempo.

Esse governo impactante, então, lançou logo o Programa de Metas, convidando, para participar dele, o melhor elenco do Brasil, formado por aqueles nomes que citei há pouco. Aliás, o nome inicial era Planejamento de Metas, e não Programa de Metas. Roberto Campos teve uma reunião com ele e disse: “Presidente, eu aconselharia a falar em ‘programação’”. Kubitschek, como se percebe da sua personalidade e da sua biografia, era um homem que ouvia bem, um homem agitado, impaciente, que queria sempre realizar, mas detentor de uma capacidade fantástica, que só os estadistas têm, que é a humildade de ouvir e de tentar aprender. E Juscelino aceitou a ponderação de Roberto Campos.

Faço um parênteses para falar de outro fato interessante, a criação da Universidade de Brasília. Havia vários argumentos contrários e a favor da criação da Universidade de Brasília em 1960, na inauguração da cidade. E Kubitschek ouvia todos. Alguém dizia: “Presidente, para que uma Universidade de Brasília logo no começo? O movimento estudantil é acentuadamente radical, pode criar problemas para a consolidação de Brasília.” Mas Juscelino atentou para as palavras de Victor Nunes Leal, seu grande chefe de gabinete civil, que foi nomeado para o Supremo Tribunal Federal, e junto com Pedro Lessa – talvez tenham sido os dois maiores ministros da Suprema Corte do século XX deste País. Kubitschek sempre tinha por perto as maiores figuras do País, em todos os setores. Foram seus chefes da Casa Civil tanto o grande Victor Nunes Leal como José Rodrigues Sette Câmara, embaixador fantástico que o Brasil teve. Pois bem, Victor Nunes Leal contou a Juscelino uma história interessante, registrada. O

presidente Thomas Jefferson, grande autor da Declaração da Independência dos Estados Unidos, o seu grande pró-homem da República, dissera que não desejava que, no seu túmulo, estivesse inscrito “o homem que ajudou a criar os Estados Unidos”, “o homem que declarou a independência dos Estados Unidos” ou “homem que foi o Presidente dos Estados Unidos”. Não! Ele só queria esta frase: “Foi o fundador da Universidade da Virgínia”. O estadista Jefferson achava que a Universidade da Virgínia, no centro de decisão dos Estados Unidos, era fundamental para criar uma elite pensante naquele país.

Kubitschek autorizou, então, a criação da Universidade de Brasília. E foi Santiago Dantas, outro grande gênio do Direito brasileiro – ele se cercava sempre do que havia de melhor no País –, que, a seu pedido, redigiu o projeto de lei de criação da Universidade de Brasília.

Portanto, esse homem fantástico tinha no trabalho a sua opção diária. Já no dia seguinte à sua posse, às sete horas da manhã, sobrevoava Volta Redonda. Transformou o Brasil, um país agrário, num grande país moderno.

Hélio Jaguaribe tem, nesse sentido, uma observação interessante. Diz que este País tem dois marcos importantes, dois homens de Estado fundamentais na sua história: João VI, que criou o Estado Brasileiro. Com o impacto da sua mudança para o Brasil, forçado pelos acontecimentos europeus, criou uma infra-estrutura básica em todos os níveis, que gerou a independência do Brasil, gerou o Império e gerou o Estado brasileiro. Outro

homem foi Kubitschek, que deu a dimensão da industrialização, alterou realmente a face agrária do Brasil, estabeleceu mudanças modernizadoras, sobretudo na área da industrialização, criando um fato interessante que o Brasil não conhecia: o capital de risco. Trouxe o capital de risco para o Brasil, como sócio do progresso, do desenvolvimento brasileiro não só para a siderurgia, mas para os setores elétrico, automobilístico, petroquímico etc.

Qual o setor que Kubitschek não revolucionou? O próprio Roberto Campos foi por ele designado coordenador, por sugestão do próprio Roberto, para criar o primeiro centro no Brasil de estudo – o primeiro grupo de trabalho – para a criação de uma indústria da área de computação.

Vejam bem: Juscelino Kubitschek, já nos anos 50, quando se principia a revolução da informática, criava o primeiro grupo de trabalho para estudar a instalação de computadores na indústria de informática no Brasil. O presidente do grupo de trabalho foi Roberto Campos, que foi presidente do BNDES.

O mais importante era sua capacidade de unir a sabedoria - política e a técnica em seu governo. O nosso saudoso Milton Campos tinha uma frase que gosto de repetir sempre: “os técnicos têm o saber e os políticos têm a sabedoria”. Kubitschek tinha a sabedoria do grande político. Homem predestinado para a política e para o futuro, tinha o bom senso de estar ao lado dos que detinham o saber, a técnica do conhecimento. Tinha de

fazer composições políticas, era um gênio político. Para fazer as composições de seu ministério, tinha de chamar as forças políticas, para integrar seu Ministério. Mesmo assim escolhia ministros do mais alto coturno.

Não posso deixar de prestar minha homenagem a Amaral Peixoto, nosso grande embaixador em Washington. O embaixador com quem tive a honra de trabalhar dizia: “Eu nunca vi os salões de Washington receber as maiores figuras do meu tempo quanto no tempo do ex-Embaixador Amaral Peixoto”. Era um homem de visão de Estado, de visão internacional, dos problemas do mundo e do Brasil.

Pois bem, esse homem fantástico que era Juscelino Kubitschek tinha visão de futuro. Podemos ver como ele enfrentou os problemas do Nordeste, como era a sua percepção do Nordeste. Quando foi fazer um comício em Campina Grande, ficou impressionado com a pobreza do Nordeste, com seu sofrimento. Uma de suas primeiras providências foi exatamente criar um mecanismo operacional para o Nordeste. Aproveitou a reunião de bispos exatamente em Campina Grande, com os bispos do Nordeste, e lançou a Sudene, um organismo que deveria aproveitar a irrigação como instrumento decisivo para salvar o Nordeste. O exemplo de Petrolina tem a semente em Kubitschek, mas seu projeto não teve prosseguimento.

A Sudene, depois, mudou de planos, não teve o condão de aproveitar a construção dos açudes que Kubitschek fez para o Nordeste, no caso do Açude Orós, e transformá-los nos grandes centros de irrigação, de transformar os rios temporários do Nordeste, que desaparecem com a seca e se avolumam com as águas, em rios perenes.

Infelizmente, essa idéia não foi seguida, mas Kubitschek teve esse dom, efetivamente, de tentar projetar o Nordeste numa sistemática de irrigação que pudesse proporcionar exatamente a mudança da sua estrutura econômica e da sua estrutura agrária. Inclusive, era a melhor maneira que ele imaginava de combater o latifúndio, porque, por meio da irrigação, ele criaria os pequenos produtores rurais, porque são esses realmente que dão base ao crescimento econômico das sociedades modernas.

O Hélio Jaguaribe tem toda razão. Existiu o Brasil de Dom João VI e, a partir de 1960, o Brasil de Juscelino Kubitschek, o Brasil da era moderna, o Brasil do compromisso com a industrialização e, sobretudo, o Brasil que sabe que, sem capital estrangeiro, sem tecnologia de fora, não se poderia modernizar.

Sr. Presidente, sobre o Nordeste que muito me toca, Juscelino, com sua visão, cria os primeiros estudos e manda fazer licitação para a instalação da usina hidrelétrica de Boa Esperança, que alimenta o Piauí e o Maranhão. Vejam que percepção fantástica: nos seus últimos atos de

Governo, Juscelino fez licitação da barragem de Boa Esperança, no rio Parnaíba.

Também foi de sua inspiração o decreto presidencial que criou o grupo de trabalho para estudar o Vale do Parnaíba, talvez até pensando em criar a Companhia do Vale do Parnaíba, a exemplo da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. O Parnaíba era o segundo rio do Nordeste e hoje está morrendo, exatamente por falta de uma política pública de revitalização de suas águas e do aproveitamento fantástico de seu leito, de suas margens. Essa visão de Kubitschek também não foi seguida, o que causa transtornos imensos ao Nordeste de hoje.

Sr. Presidente, igualmente não posso deixar de falar de seu grande plano rodoviário, de sua meta rodoviária de transformar Brasília num grande cruzamento rodoviário, de ligação com todo o País, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. A Belém-Brasília está aí, mas Juscelino chamava de estrada da integração nacional a esquecida rodovia Fortaleza-Brasília, a chamada BR-020.

Lamentou que sua única meta rodoviária não cumprida foi ligar o sertão à alma moderna de Brasília. Essa estrada que adentra nos sertões do Piauí, da Bahia e do Ceará está construída apenas de Brasília a Barreiras e de Picos a Fortaleza. E há o grande vazio de 500 quilômetros. O Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, há cerca de dois anos, quando foi visitar, em São Raimundo Nonato, no Piauí, o Parque

Nacional da Serra da Capivara, rasgado pela BR-020, dizia: “Meu compromisso, exatamente, é dar seguimento a essa grande obra de Juscelino Kubitschek. Ele a chamava de “a estrada da integração nacional”. Evidentemente, a burocracia, às vezes, não segue os ditames do Presidente da República.

Juscelino lamenta, em suas memórias, essa meta não ter sido cumprida. Foi uma visão fantástica. Pretendia exatamente ligar o sertão a Brasília, segundo suas palavras, “a alma moderna de Brasília” e conscientizar os sertanejos da importância de estar em contato com inovação política e cultural da capital da República. Esse compromisso do Presidente, infelizmente, não tem sido devidamente cumprido. A burocracia do Ministério do Planejamento não conhece o Brasil real.

Sr. Presidente, é impossível falar de Juscelino sem referir-me à cientista política Maria Victoria de Mesquita Benevides, autora do clássico mais completo sobre o seu governo como Presidente da República. A esta deve-se a síntese mais perfeita de sua obra de estadista, representada pelo subtítulo de seu próprio trabalho: **Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política.**

Com ela concorda seu prefaciador, o atual Ministro Celso Lafer, cuja dissertação de mestrado – escrita há 20 anos – sobre o Plano de Metas acaba de ser publicada, integrando as comemorações do centenário do ex-Presidente.

As palavras do chanceler Celso Lafer falam por si: “O Governo JK foi um governo que conseguiu, conjuntamente, compatibilizar desenvolvimento econômico com desenvolvimento político, definindo-se este como a aferição da capacidade de um sistema de tomar decisões, de implementá-lo com sucesso e de conseguir um apreciável consenso sobre o sentido de sua gestão da sociedade”.

Hélio Jaguaribe, em outro clássico livro tão conhecido, **Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político**, concorda com a tese. E a respeito dela se manifestaram outros consagrados autores, como o brasilianista Thomas Skidmore, o economista Luís Carlos Bresser Pereira e a professora Míriam Cardoso em sua tese de doutoramento.

O Jornal **O Globo** de hoje, por coincidência, traz uma entrevista com a pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas Ângela de Castro Gomes, que não poderia deixar de citar, **en passant**, antes da minha conclusão. A pesquisadora fala que o Governo Kubitschek foi de oportunidades e de esperanças. O repórter de **O Globo** pergunta: “E agora que o regime militar passou e já temos 17 anos de experiência democrática? Por que esse mito de Kubitschek persiste? Ao que ela responde: “O Brasil dos anos 50, comparado aos dias de hoje em termos de qualquer índice, era pior. Mas a imagem que ficou era de um período melhor, na medida em que está associado ao desenvolvimento. Na Era JK, o País cresceu, o valor do salário mínimo era bom. O trabalhador com o salário mínimo vivia melhor do que

o trabalhador que recebe o mesmo valor nos dias de hoje. E, o que é melhor: esse projeto de país foi experimentado pela população”.

Poucos cidadãos deste País granjearam em vida tantos méritos e acumularam tantos créditos o imaginário popular na apreciação justa da crítica e no julgamento de seus concidadãos quanto o político cuja morte todo o Brasil pranteou e cuja memória todos nós temos o dever de cultuar como exemplo do padrão político, da cultura cívica e de devotamento à pátria.

Juscelino Kubitschek repousa não só no monumento que a gratidão dos brasileiros lhe ergueu aqui, neste ermo por ele transformado em centro das decisões nacionais, para usar suas próprias palavras. Repousa, sobretudo, na memória coletiva, marco que é da história política contemporânea de nosso País. Mais do que isso, porém, sua personalidade habita a mente e o coração dos brasileiros, que ele conquistou para sempre pela obra que empreendeu, pela generosidade que nos ensinou a praticar e pela democracia que cultuou como sinal de respeito ao seu povo e à Nação que tão brilhantemente governou.

Juscelino, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, não é só um marco de nossa história. É um símbolo de nossa cultura política, de nossa cultura cívica e do permanente afã brasileiro em busca de justiça, dignidade e desenvolvimento. Somos talvez um dos poucos países em que o desenvolvimento tem nome e sobrenome. No Brasil, esse conceito atende

pelo nome de Juscelino Kubitschek de Oliveira. A ele devemos o tributo de nossa admiração, o penhor de nosso respeito e o preito de nossa imperecível estima.

Esta, Sr. Presidente, a mais humilde, mas também a mais sincera das homenagens que, em nome de meu Partido e da Câmara dos Deputados, eu poderia lhe prestar.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – O tempo se esgota, mas concedo a palavra ao nobre Deputado Geraldo Magela.

O SR. GERALDO MAGELA (PT-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exm^o Sr. Presidente, Senador Francelino Pereira, Exm^o Sr. Governador Joaquim Roriz, Exm^o Sr. Senador José Alencar, Exm^o Sr. Deputado Paulo Octávio, Sr^a Anna Christina e Sr^a Maristela Kubitschek, Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr^{as} e Srs. Deputados, senhores e senhoras, saúdo especialmente o Dr. Ronaldo Costa Couto, historiador que nos honra com a sua presença.

Sr. Presidente, quero, inicialmente, dizer que falo aqui em nome do Partido dos Trabalhadores, das nossas Bancadas no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, e, certamente, muito pouco teria a acrescentar ao que aqui já foi dito pelos Senadores José Alencar e Lindberg Cury, pelos Srs. Deputados Paulo Octávio e Paes Landim, até porque não teria nem a competência nem o brilhantismo dos que me antecederam para falar sobre JK.

Mas quero ressaltar aqui que nós, do Partido dos Trabalhadores, homenageamos o centenário do nascimento de Juscelino Kubitschek por várias razões: pelo empreendedorismo que representou esse político para o nosso País, pela característica que ele trouxe à política da coragem, da determinação. Porém, há duas características que faço questão de ressaltar, porque a nós, do Partido dos Trabalhadores, nos são muito caras.

A primeira delas é o apego ao planejamento, à visão de que governar é, sobretudo, ter a capacidade de planejar, de fazer, hoje, um planejamento para o futuro, ligando as ações que qualquer governo possa fazer no momento em que governa a uma realidade que se prevê para os tempos vindouros.

E Juscelino teve muita capacidade para fazer isso. Não apenas com seu Plano de Metas, mas com suas ações de planejamento, sua visão de que qualquer ato que executasse no Governo repercutiria no futuro. Mas, Sr. Presidente, há uma característica que nós do Partido dos Trabalhadores temos como muito valiosa: um homem como ele, que passou por diversos cargos, até o mais elevado da República deste País, que empreendeu um projeto de desenvolvimento e que construiu esta Capital com sua visão futurista pôde ser enterrado com todas as honras merecidas por um homem público, mas, sobretudo, com a maior delas: a de ter passado pela política e não ter qualquer mancha que pudesse atacar sua honra, atacar a lisura com que coordenou os governos.

Sem dúvida nenhuma, se podemos falar de Juscelino como empreendedor, como homem de visão de futuro e como planejador, certamente podemos aplaudi-lo. Você, Maristela, como filha, e Anna Christina, como neta, podem se orgulhar, porque ele passa para a história como um dos políticos mais éticos que este País já teve.

Essa é uma das razões que nos levam firmemente a homenageá-lo, em nome do Partido dos Trabalhadores, pelo que ele fez e, principalmente, pelo que ele foi.

Parabéns!

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Concedo a palavra ao último orador inscrito, Deputado José Antonio Almeida.

O SR. JOSÉ ANTONIO ALMEIDA (Bloco/PSB-MA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Francelino Pereira; Senador José Alencar; Sr. Governador Joaquim Roriz; Sr. Deputado Paulo Octávio; eminentes filha e neta de Juscelino Kubitschek de Oliveira, nosso homenageado; Srs. Senadores e Deputados; ilustres convidados e autoridades aqui presentes, Dr. Ronaldo Costa Couto; minhas senhoras e meus senhores.

O ano, Sr. Presidente, era 1968. Registro possivelmente a última visita do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira à minha terra natal, São Luís do Maranhão.

A História menciona esse episódio destacando apenas um discurso veemente do então Governador do Estado, o hoje Senador José Sarney, em defesa daquele político cassado, que S. Ex^a denominou o maior Presidente que o Brasil já teve.

Mas eu também, Sr. Presidente, tive a honra de testemunhar essa visita. Então com 14 anos, eu dirigia um jornal estudantil em minha terra intitulado **Alvorada**, criado em 1968, época em que havia um movimento estudantil no País; jornal esse elaborado por estudantes de um grêmio

estudantil, um grêmio cultural, como naquele tempo se exigia dizer – o grêmio dos colégios precisava ser cultural.

Esse jornal fez uma pesquisa no seu primeiro número: Movimento estudantil: subversão ou reforma? Ouvimos várias figuras brasileiras, não somente maranhenses, colocando lado a lado, nas páginas, os que eram a favor daquele movimento e os que eram a favor da manutenção da ordem, como o comandante do Exército na minha cidade, do 24º Batalhão de Caçadores.

O sucesso daquele jornal estudantil chamou a atenção da cidade e precisava ter um seguimento à altura. E não havia nada mais à altura do que entrevistar Juscelino Kubitschek de Oliveira. Fizemos contato com o Deputado Renato Archer, responsável pela ida de Juscelino ao Maranhão, e ele nos disse que conseguiria uma entrevista dos estudantes com “o nosso Presidente”, como ele chamava o Presidente Juscelino. Mas ele mesmo não poderia estar lá, porque teria de vir a Brasília para votar, exatamente quando Juscelino estaria no Maranhão, o processo que pedia licença da Câmara dos Deputados para processar o Deputado Márcio Moreira Alves. Foi nesse momento, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, minhas senhoras, meus senhores, que tive a honra suprema de conhecer pessoalmente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Estudante de 14 anos, pouco sabia eu da História do Brasil, pelo menos da história recente, que não se estudava com muito afinco naquele momento. Eu sabia, pelo que ouvia em casa, que tinha havido dois grandes

presidentes no Brasil: Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Mas ali não se tratava de ex-Presidente, nem de um político cassado. Estava ali, no Clube Recreativo Jaguarema, o local onde nos encontramos com Juscelino, um ídolo da Nação brasileira. Todas as pessoas presentes estavam emocionadas – como eu, que assim também me encontro agora – por ver a figura de quem construiu não só Brasília, mas o Brasil de hoje, de modo afável, atendendo a todos e se desdobrando pelos enormes compromissos que tinha marcado naquele dia em São Luís do Maranhão.

Recordo-me, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, da última pergunta que passei, como entrevistador, a Juscelino Kubitschek: Para o senhor, o que significa a palavra “Alvorada” no presente, no passado e no futuro? Logo depois desse episódio, foi editado, como todos sabemos hoje, o AI-5, seguido pela prisão de Juscelino Kubitschek. A partir daí, o ginásio e o depois acadêmico de Direito nunca mais perdeu de vista a trajetória de Juscelino.

Para encerrar, Sr. Presidente, devido ao adiantado da hora e à emoção, quero lembrar apenas – porque não pude preparar um discurso escrito, o que nesses momentos de campanha é muito difícil – uma citação, sem a preocupação de ser textual, de um dos grandes amigos de Juscelino, o meu conterrâneo e escritor Josué Montelo. Josué, em momento de consagração de Juscelino pelo povo brasileiro, que o carregou até o túmulo, referindo-se ao episódio da única eleição que ele não venceu, a eleição da Academia Brasileira de Letras, disse o seguinte, Sr. Presidente: “Fui um dos

que quiseram dar-lhe, em vida, a glória de pertencer à Academia. Agora, com a sua morte, vejo que a glória dele é que nos faz falta”.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Os Srs. Senadores Arlindo Porto e Valmir Amaral enviaram à Mesa pronunciamentos em homenagem a Juscelino Kubitschek, para serem publicados na forma do disposto no art. 203 do Regimento Interno.

S. Ex^{as} serão atendidos.

O SR. ARLINDO PORTO (PTB-MG) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, os anos do Governo de Juscelino Kubitschek foram especiais. Foram os nossos anos dourados; momentos de realização e esperança. Momentos de criatividade e renovação artística, de fé no País; momentos de sucesso na economia, tolerância e paz política; momentos em que, do nada, construiu-se uma capital; momentos em que Juscelino, como Presidente, teve um sonho e não teve medo de torná-lo realidade; momentos em que o Brasil viu que era possível ser uma democracia e ser uma potência econômica.

Neste ano de 2002, Juscelino Kubitschek faria cem anos. Juntamo-nos, assim, a milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, prestam homenagem ao centenário de seu nascimento. Trata-se, é nossa convicção, de uma ocasião ímpar para rememorarmos os sonhos e as realizações desse brasileiro exemplar, que, com visão e arrojo excepcionais, transformou a economia, a política e mesmo a geografia de nosso País.

A aptidão de Juscelino para a conciliação política, adicionada ao seu arrojo empreendedor, fazem do político mineiro uma referência na democracia nacional e um símbolo de estadista visionário na busca do desenvolvimento. Com efeito, Sr^{as.} e Srs. Congressistas, o quinquênio do Governo JK caracterizou-se por notável aceleração do desenvolvimento econômico. O ideal nacional-desenvolvimentista de Juscelino transformou a realidade industrial brasileira, com a implantação das indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de produção. A mudança da capital federal para Brasília denota a importância que Juscelino conferiu à unificação – econômica e social – do território do País. Foi este o sentido a balizar, por exemplo, a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em 1959: o propósito deliberado de atenuar as acentuadas disparidades regionais, em benefício da integração nacional. Na seara política, a revolta de alguns oficiais da Aeronáutica que caracteriza o episódio de Jacareacanga demonstrou, logo no início do mandato presidencial, o tom firme – mas moderado e conciliador – de Juscelino na condução da política brasileira.

Antes de Juscelino, a economia brasileira, essencialmente rural, dava seus primeiros passos rumo à industrialização. Era apenas metade da indiana, um terço da italiana, trigésima quinta parte da norte-americana. Mesmo quando comparada com a dos vizinhos argentinos, apresentava-se bastante modesta. Juscelino lançou ambiciosa e ousada política econômica delineada em seu Programa de Metas. Este, inspirado pelo *slogan* “cinquenta anos em cinco”, abrangia trinta e um objetivos, distribuídos em

seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação e, a meta-síntese, a construção de Brasília. O Programa de Metas combinou, por meio da coordenação de Grupos Executivos, a ação do Estado, de empresas privadas nacionais e de empresas estrangeiras. Estas últimas foram as responsáveis por trazer para nosso País tecnologia e conhecimento industrial. Os resultados foram impressionantes: o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu, durante seu Governo, em média 7% ao ano, e a renda **per capita**, quase 4%. Do nada, foi implantada a indústria automobilística, que, em 1961, já produzia cento e trinta e três mil veículos por ano. O valor da produção industrial cresceu 80%, com alguns setores, como aço, indústria mecânica, eletricidade e comunicações e material de transporte alcançando as espantosas taxas entre 100% e 600%! Juscelino rasgou o território nacional, construindo vinte mil quilômetros de rodovias e oitocentos quilômetros de ferrovias. Ciente das necessidades energéticas do País ergueu as usinas hidrelétricas de Furnas e de Três Marias. Se isso não bastasse, criou as usinas siderúrgicas Cosipa e Usiminas.

Os custos, em comparação com os resultados, foram menores do que disseram seus críticos. Nada que comprometesse perigosamente o País e que não pudesse ser gerenciado. Juscelino disse, certa vez, que Deus o poupou do sentimento do medo. Nada mais verdadeiro. Com coragem e ousadia, Juscelino agiu decisivamente para tirar o Brasil da estagnação econômica e transformá-lo em moderna Nação industrial.

Também no campo político, Juscelino possuía um modo todo original de agir. Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara dos Deputados durante o Governo JK, disse, certa vez, que “a vida pública se faz com felicidade e alegria, e Juscelino era um homem feliz e alegre”. Esse era exatamente o estilo de JK. A facilidade com que conquistava as pessoas era assombrosa. Adorava cantar e dançar. Quando vinha a Brasília visitar as obras da nova capital, chamava pelo nome os operários, os seus queridos “candangos”. Era tão diplomático que, mesmo nutrindo grande simpatia pelo time do Cruzeiro, não recusou o convite para ser conselheiro do arquirival Atlético.

Seu charme e seu bom humor, aliados a sua competência administrativa e a sua matreirice política, foram as marcas de todos os cargos públicos que ocupou. E essas mesmas características foram responsáveis pelo sucesso com que conduziu seu Governo, em meio a facções que constantemente tentaram desestabilizá-lo. Continuam vivos em nossa memória, Sr. Presidente, episódios em que Juscelino demonstrou toda a sua magnanimidade, sua boa vontade e seu poder de conciliação. Lembramo-nos de como anistiou os oficiais da Aeronáutica que tentaram impedir sua posse e de como resolveu, em conversa de gabinete, a revolta estudantil de maio de 1956.

Sendo assim, desde o início de seu Governo, Juscelino percebeu que sua estratégia só poderia ser uma: manobrar cuidadosamente entre as várias esferas de poder e influência que compunham a política do período.

Seu método foi o de fazer concessões ao mesmo tempo sábias e astutas: ora aos militares, aos quais equipou e reservou cargos estratégicos em órgãos como a Petrobras; ora aos sindicalistas, a cujos interesses não se opôs, embora controlasse firmemente as manifestações mais enérgicas; e ora aos Congressistas, com os quais negociava por intermédio de sua base, composta essencialmente pela aliança PSD-PTB, garantindo apoio no Congresso a seus muitos projetos para o País.

Esse jogo de poder, no qual JK era mestre, só seria legítimo, para ele, se jogado de acordo com as regras. Essa era, sem dúvida, a maior característica de seu Governo e de sua doutrina: o profundo respeito às regras do jogo, ou seja, aos preceitos da Constituição. Não bastava a Juscelino um Estado democrático; fazia questão, sim, de um Estado Democrático de Direito, hoje um dos princípios fundamentais de nossa Constituição.

No contexto de transformações econômico-sociais e políticas pelas quais o País passou no mandato de Juscelino, Brasília é como que a jóia maior do projeto democrata e desenvolvimentista de JK. Quem o conhecia não duvidou de sua palavra quando aceitou o desafio que lhe foi lançado por Antônio Soares Neto, durante o histórico comício de 04 de abril de 1955. O sonho construído mudou até mesmo o apelido do desafiante, de “Toniquinho da Farmácia” para “Toniquinho JK”, como assina até hoje aquele goiano que questionou o então candidato mineiro à Presidência da República.

O destemor, a ousadia, a determinação e a enorme capacidade de tornar sonhos em realidade já haviam sido testemunhados durante a transformação por que passou Belo Horizonte pelas mãos do Prefeito e, depois, Governador Juscelino Kubitschek. A pacata cidade planejada e tranqüila, com seus contornos provincianos e conservadores, acolhia expressivo grupo de intelectuais de sólida formação. Bebia desses conhecimentos uma juventude que tanto cultivava o conhecimento tradicional como buscava o novo. O jovem prefeito, amigo e freqüentador de artistas e intelectuais, neles se inspirou para projetar uma nova Belo Horizonte, moderna e cosmopolita. Palco de candentes polêmicas entre conservadores e modernistas, Belo Horizonte mudou com o projeto da Pampulha e com a Igreja de São Francisco, finalmente aceita com o marco de mudança de uma época.

Mas o sonho de Juscelino era maior. Ele próprio, uma fábrica de utopias, sonhava cada vez mais alto e maior. Sonhava Brasília, a meta-síntese, a cidade que se tornou, no traço preciso do arquiteto, o símbolo do esforço de toda a população brasileira. Com o otimismo gerado pela nova capital, o Brasil passou a ser o País do presente, universo de possibilidades e realizações. As torres e as cúpulas que compõem o Congresso Nacional, para além da ousadia arquitetônica, colocaram o Parlamento no centro do processo decisório brasileiro, a irradiarem o pluralismo político a que JK dedicou tanto zelo.

Sr. Presidente, ao evocar desta tribuna as qualidades de Juscelino enquanto estadista e exemplo de cidadão a ser seguido, vem à memória a lição do saudoso San Tiago Dantas. Dizia o tribuno que os fatos históricos podem ser vistos e entendidos de forma descritiva e de forma simbólica. Com efeito, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, procuramos demonstrar, no decorrer de nosso pronunciamento, a importância fundamental – diria até paradigmática – de JK para o desenvolvimento industrial e econômico brasileiro. Entretanto, a relevância de Juscelino, ao se projetar no tempo histórico, transcendeu o enorme alcance de sua obra. Ao abraçar o projeto de “cinquenta anos em cinco”, Juscelino germinou o ideal do País que pode dar certo, por meio do trabalho e da perseverança. O maior legado do fidalgo de Diamantina talvez seja o compromisso permanente com a democracia e com o desenvolvimento, e a fé inabalável de se construir um Brasil mais justo, fraterno e digno.

Muito obrigado.

O SR. VALMIR AMARAL (PMDB-DF) – Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, na condição de representante do Distrito Federal, na Câmara Alta do Congresso Nacional, é com grande júbilo e profundamente emocionado que me associo à homenagem que o Parlamento presta a esta personalidade absolutamente invulgar, a este brasileiro que é exemplo de acendrado patriotismo, a este estadista de notável estatura, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

De todas as extraordinárias qualidades que ornavam o caráter do Presidente JK, aquela que mais me fascina – e a que eu gostaria de destacar, neste momento – é sua capacidade de sonhar grande, de ousar na definição de metas extremamente ambiciosas, de arrostar o ceticismo, o pessimismo, a descrença e, por fim, concretizar aquilo que, para muitos, representava verdadeiro delírio, objetivo absolutamente inalcançável.

Essa ousadia foi a marca da ação político-governamental de Juscelino em todos os cargos que ocupou. Foi assim na Prefeitura de Belo Horizonte, onde realizou importantes obras de saneamento, abastecimento de água e eletricidade, além de embelezar a cidade com um conjunto sistemático de obras de arquitetura moderna. Da mesma forma, no Governo do Estado de Minas Gerais, quando, dando cumprimento ao seu **slogan** de campanha “energia e transporte”, criou as Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig), numerosas outras autarquias e empresas estatais, abriu e pavimentou muitas estradas.

Foi na Presidência da República, contudo, que Juscelino Kubitschek deu a demonstração cabal de sua inacreditável capacidade de realizar. Em seu Governo, a taxa de crescimento econômico do País se manteve em torno de 7,8% ao ano. E, incluindo o ano de 1961, quando muitas de suas iniciativas atingiam o ponto de maturação, a média de crescimento econômico chega a 8,3%. Foram abertos mais de 20 mil quilômetros de estradas, implantada a indústria automobilística e produzidos 320 mil veículos automotores, multiplicada a produção de aço, cimento, petróleo, fertilizantes, metais não-ferrosos. Construíram-se Furnas e Três Marias. Implantou-se a indústria pesada, a naval, a de tratores, a química de base. O País foi contemplado, enfim, com um salto de dimensão épica na sua infra-estrutura e no seu patamar de desenvolvimento.

É óbvio que, para conseguir realizar tanto, JK precisou, primeiro, mobilizar a vontade e a energia do povo brasileiro. Essa é, talvez, a melhor lembrança de seu tempo: o otimismo que JK conseguiu semear nos corações dos brasileiros. Ele logrou instilar de volta o sentimento de esperança no País, reavivou a capacidade do povo de sonhar com um Brasil mais próspero e mais justo. Galvanizou a vontade da Nação em um gigantesco mutirão de desenvolvimento e de renovação.

E o marco definitivo desse esforço conjunto da Nação foi, evidentemente, a construção da nova Capital, aquilo que ele mesmo identificava como a “meta-síntese” de seu famoso Plano de Metas. Foi com disposição inabalável, superando gigantescos obstáculos, enfrentando

oposição acirrada de políticos e dos meios de comunicação que Juscelino construiu esta belíssima cidade, hoje objeto do amor daqueles que aqui têm seus lares, coração do Brasil, Capital de todos os brasileiros.

Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, nestes tempos que vivemos, de tantas crises, de tanto pessimismo, quando as ameaças terríveis do terrorismo e da guerra lançam suas sombras tenebrosas sobre a humanidade, quando as economias de quase todas as nações, mesmo as mais industrializadas, parecem atoladas, patinando, incapazes de alçar-se em novo ciclo de crescimento, é muito oportuno resgatar a memória, a energia, o vigor, o espírito, a força, a positividade do nosso inesquecível Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira. Revisto pelo orador.)

– Não há mais oradores inscritos.

Sr. Governador Joaquim Roriz, Maristela, Anna Christina, Srs. Congressistas, Srs. Convidados, direi logo que o amor à terra e à liberdade – os dois maiores dons de Minas – é a nossa lei suprema. A nossa cultura não é definitiva e acabada. Vive, em sua multiplicidade, momentos de intensa controvérsia e de fraterno diálogo, chegando ora à confraternização, ora às insurreições cívicas, que marcam, afinal, a nossa identidade nacional.

Minas sempre esteve sob o poder da criação humana e de seu poder de crítica, correção, reinvenção e aperfeiçoamento. De Minas lavram sempre as ações mais candentes em repúdio à desigualdade social, à brutalidade da distribuição de renda, ao totalitarismo e à opressão. Nossa natureza não é obra definitiva, pronta e acabada, mas um dado que necessita do ser humano para se revelar e se transformar. A liberdade é a nossa lei suprema, que o Criador inscreveu no interior mais profundo da criação, a fim de que o homem habitasse um mundo socialmente mas justo. Que o Brasil não fosse um país injusto.

JK cristaliza e dá contextura e personalidade à política mineira, que se expandiu por todo o Brasil. Somos em Minas um só povo, nas planícies, nas várzeas, nos cerrados, nas Alterosas montanhas. Somos, hoje, 18 milhões de mineiros, quase 900 cidades, mais de 100 se transformando em metrópoles, onde todo mundo se conhece, onde todos nos

conhecemos. Mas nenhum de nós é uma ilha. Minas são muitas, na expressão de Guimarães Rosa, e, por isso mesmo, não somos todos iguais.

Cada governante, no Palácio da Liberdade, tem a sua estirpe, o seu perfil e a sua histórica trajetória de vida. Milton Campos, nosso reformador social, que chegou ao Governo de Minas e dele se despediu para colocá-lo nas mãos de Juscelino, imaginava, mais do que ninguém, que este, extrovertido e jovial, haveria marcar sua administração pelo voluntarismo, o arrojo e a determinação. Todos imaginávamos que o novo governante aspirava algo além das montanhas de Minas: atravessar a Mantiqueira e chegar ao Rio de Janeiro. O Palácio do Catete era o seu destino.

Que não se espere destas palavras a história de um momento de paz e quietude do Brasil, mas a visão de um estadista – o estadista da revolução do otimismo, que surpreendeu o País, os brasileiros e muitos povos do mundo, em meio às águas revoltas da política nacional.

Fui vê-lo, pela primeira vez, prefeito de Belo Horizonte, na década de 40, elegante, amável, sorridente, simpático, amante da cultura, das danças e das artes, um virtuoso da política, como disse, na última segunda-feira, o meu amigo Francisco Weffort, Ministro da Cultura.

Benedito convidou Pedro Aleixo para ser Prefeito de Belo Horizonte. Era uma forma de conquistar o inconfundível homem público Pedro Aleixo, que recusou o convite e, como era de seu feitio, guardou

sigilo. Mais tarde, no convívio, noite adentro, Juscelino revela a Pedro Aleixo ter sido convidado para o cargo e indaga se, aceitando-o, a amizade continuaria. Diante da resposta afirmativa, Juscelino tornou-se Prefeito.

Vindo das penhas de Diamantina, das lavras da mineração, do sacerdócio da medicina, o jovem Juscelino, diferente nos gestos, na alegria, na extroversão, no voluntarismo – um outro estilo, envolvente – haveria de chegar, pelas mãos de Benedito – direi melhor, pelas próprias mãos – ao mundo da política, a mais desafiadora das atividades humanas.

Não queria ser político, mas médico na Santa Casa, na Polícia Militar, onde quer que houvesse um ser humano necessitado de ajuda e da preservação da vida. Era a forma de conter e dissipar a sua inquietação.

Para JK, a jovem Belo Horizonte não era obra definitiva. A Capital era nova. O clima, sadio. O horizonte, belo. Mas quase tudo estava por fazer. Juscelino transformou-a, como se a ele se expressasse Henriqueta Lisboa, em seu poema ”*Belo Horizonte Bem Querer*”:

Uma cidade se levanta
do solo às nuvens.

.....

Destrói choupanas e
Constrói

arranha-céus.

.....

Cresce das mãos dos
operários
canta pelo timbre dos poetas.

.....

Uma cidade é sinfonia
com ásperas dissonâncias.

.....

Uma cidade se assemelha às
outras,
porém se a amamos é **única**.

Em meio à reinvenção da nova cidade de Belo Horizonte, Pedro Aleixo conta a JK as articulações para o lançamento do Manifesto dos Mineiros, que seria assinado por homens públicos de alta reputação em Minas e no Brasil – noventa e uma personalidades –, não os medalhões da política mineira, como se expressa Bojunga em sua devoção a JK, mas os homens públicos mais honrados de Minas. JK prosseguiu – nenhum abalo – e só deixou a Prefeitura quando caiu a ditadura Vargas, já a caminho do sonho de chegar ao Governo de Minas, no Palácio da Liberdade, e à Presidência da República, no Palácio do Catete. JK realizou seu Governo de ponta a ponta, o primeiro Presidente a cumprir por inteiro o mandato presidencial.

Fui vê-lo na Semaninha de Arte Moderna, por ele promovida na determinação de mudar a face romântica e de certa forma provinciana de Belo Horizonte, ainda jovem, mas discreta na voz dos seus jornalistas e escritores, poetas e cancioneiros, pintores e escultores.

Fui vê-lo quando Milton Campos transmitiu-lhe, na liturgia do Palácio da Liberdade, o Governo de Minas.

Fui vê-lo, depois, sempre um pouco à distância, na execução do seu Plano de Metas, o mesmo estilo de quando reinventou Belo Horizonte e modernizou Minas. Surpreendendo sempre pela jovialidade e a tenacidade de quem constrói um destino, que se confundiria com o destino do Brasil. Com adversários por todos os lados, nas lutas que só as democracias consagram, jamais abdicou do seu ânimo e dos seus sonhos. Até porque, na terra mineira, onde nasceu a liberdade do Brasil, todos o admirávamos, sem distinção partidária ou ideológica. Sonhar, jamais deixou de sonhar, desde as penhas de Diamantina, nos vales de pedra e amor às vastas terras do Jequitinhonha, com a alma tcheca que herdara das origens. Mais que um lenhador, a exemplo de Lincoln, foi sempre um minerador das profundezas de Minas e da exteriorização que consagra o destino dos sonhadores.

Fui vê-lo nos primeiros gestos e ações para a construção de Brasília. Como advogado, em Brasília, hospedado na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Visitei o Catetinho, o primeiro pouso do guerreiro.

Ali afaguei as límpidas águas da pequenina nascente de onde brotou Brasília e começou a mudança do Brasil.

Fui vê-lo na expressão da cidade pronta, ao eleger-me Deputado Federal. Cheguei a Brasília dirigindo o automóvel de um amigo, ao lado de minha esposa e de meus filhos, e, na altura do Catetinho, pudemos, emocionados, vislumbrar a luminosidade da nova Capital, que abracei até este instante, presidindo esta solenidade, sempre no exercício da vida pública. Vista do alto, na noite fechada, a cidade é plana e colossal árvore de Natal, luminosidade cintilante. E o céu, o mar de Brasília, tem nuvens de estrelas, alguns sóis e outras civilizações, como afirma o mineiro Ronaldo Costa Couto, seu mais recente biógrafo.

Fui vê-lo no cumprimento e no abraço de uma das pessoas mais amadas deste País. Sarah – que tanto conheci antes e depois das flores de Brasília – será sempre o seu nome, o nome da mulher brasileira. Ela subiu as escadas do Palácio da Liberdade e sentou-se ao meu lado, no Salão Nobre, para receber das mãos do Governador – que já governava em clima de liberdade e de restauração do Estado Democrático de Direito – a contribuição de Minas Gerais para a construção do Memorial JK, que ali está, aos nossos olhos e no coração de todos nós, como o símbolo de quem presidiu o Brasil sem ódio e sem ressentimento.

Deus poupou-lhe o medo para, carismaticamente, anunciar a histórica decisão de construir a mais bela capital, que passou a merecer o olhar, a esperança e a admiração do mundo inteiro. Em tudo, JK era a alma e o sentimento que brotaram em Diamantina, penetrou Minas e estendeu-se pelo Brasil afora.

JK nunca deixou de falar de Minas, de olhar as montanhas republicanas, de abraçar o sonho dos inconfidentes e de multiplicar todas as liberdades pelas quais o mundo anseia e se empenha por uma sociedade igualitária, para fazer do Brasil a terra mais amada.

Fui vê-lo em sua última morada, no Campo da Esperança. Acompanhei de perto, lado a lado, a comoção da cidade. Nunca vi, no curso de minha vida, até hoje, tão grande manifestação de amor e solidariedade a um ser humano. Brasília era uma só; a voz, uma só; as lágrimas, na face da multidão; na catedral, um hino de amor e respeito ao construtor e inventor da cidade. Ninguém ficou indiferente. Nunca me senti tão pequenino diante da gratidão humana. À beira do túmulo, permaneci no silêncio comovido de quem, naquele instante, representava o sentimento maior de Minas e dos mineiros.

No dia seguinte, no Congresso Nacional, as homenagens do Brasil. Fui chegando e fui ouvindo, no plenário, o orador que nos representava, falando das virtudes heróicas de Juscelino e, em voz pausada, proclamando que JK morrera numa rodovia porque construía o parque

rodoviário nacional. Morrerá num automóvel, porque construíra o parque automobilístico brasileiro.

Até a maldição da prisão política, a cassação do seu mandato, que estremeceu o Brasil, e seu último adeus neste novo coração do Brasil, o Planalto Central, emolduraram a sua vida de sonhos, glórias, tormentos e dores, fazendo-o entrar, infinitamente, nos umbrais da História.

Agora, homenageamos a memória centenária, viva, de JK, que fez de suas inspirações em Minas o sonho de um futuro maior para o Brasil. Para quem não viveu ao seu lado, de braços dados, mas que se tornou amigo e companheiro de sua família, esposa, filhas e netos, o desmedido abraço deste Senador das Minas e das Geraes.

Afinal, senhores, uma palavra de amor e respeito à figura histórica de outro mineiro ilustre, Israel Pinheiro, que, ao lado de JK, ajudou-o a concretizar o sonho da construção da nova Capital. Na sua pessoa, quero, neste instante, homenagear a todos que, de todas as condições sociais e culturais, e vindos de todos os recantos do País, ergueram esta cidade.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Ao encerrar a presente sessão, a Presidência agradece às autoridades civis e diplomáticas que nos honraram com as suas presenças. Quero registrar a presença do Governador Joaquim Roriz, que, se não fosse o impedimento do Regimento, teria produzido aqui, sem dúvida, um testemunho fantástico em favor daquele cidadão que construiu a cidade que ele governa.

Queria ouvir a palavra de Maristela, que aqui está à minha direita, e também da Anna Christina, que está aqui à minha esquerda. Não foi possível. O tempo passou! Agora, fica a memória viva de Juscelino, que cultivaremos infinitamente.

Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos. Está encerrada a sessão.
(Levanta-se a sessão às 13 horas e 30 minutos.)

Outras opiniões

O Centenário do Senador JK

AGACIEL DA SILVA MAIA

DIRETOR-GERAL DO SENADO

Juscelino Kubitschek de Oliveira, se vivo fosse, completaria neste mês de setembro 100 anos.

"Como valeu a pena!" – escreveu em suas memórias, aos 73 anos, banido da vida pública brasileira, tendo diante de si a visão da nova capital pronta, Brasília.

O Brasil em 1958 apresentava uma imagem muito positiva para o mundo: em fevereiro de 1958 estréia *Eles não Usam Black-Tie*, a grande obra de Gianfrancesco Guarnieri, no Teatro de Arena, em São Paulo, em 29 de junho de 1958, a seleção brasileira conquistava seu primeiro Campeonato Mundial de Futebol vencendo a Suécia, na final, por 5 x 2. Uma obra da arte e astúcia de craques como Garrincha e Pelé na Suécia, no boxe reinava quase absoluto Éder Jofre e nas quadras de tênis de Wimbledon Maria Esther Bueno fazia história, uma história que somente décadas depois seria retomada por Gustavo Kuerten. Nos cinco anos em que governou o Brasil surgiram referenciais de nossa literatura: *a História Geral da Civilização Brasileira*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Dias Gomes pontificava no teatro nacional com o seu célebre *O Pagador de Promessas*. No cinema, Carlos Manga, arrastava multidões com a sua comédia *O Homem do Sputnik*. O Brasil vivia a febre da bossa nova, sendo JK então conhecido como o Presidente Bossa Nova.

A história de JK cobre boa parte da história do Brasil nos últimos cinquenta anos. E é uma história muito rica que passa pela política brasileira em diversos momentos: deputado federal aos 32 anos, prefeito nomeado de Belo Horizonte aos 38, novo mandato de deputado federal aos 43, governador eleito aos 48, presidente eleito aos 54 e senador por Goiás aos 59. Um dos poucos presidentes que galvanizou a nação em um extenso mutirão de desenvolvimento e de mutação. O seu ar de modernidade parecia impregnar em tudo o que tocava.

Os pára-brisas dos caminhões com dísticos como "Feliz é o JK que avoa", falavam de um tempo em que ele era

governador e as estradas uma tristeza. Essa modernidade tinha muitas faces. O seu dinamismo era uma característica muito peculiar: correu o mundo, mesmo antes de tomar posse, para convencer chefes de Estado e empresários a investir no Brasil. O seu famoso Plano de Metas (43% dos investimentos para energia, 29% para transportes) e um Conselho de Desenvolvimento acenavam com um novo país. E até mudar a capital do país fazia parte dessas metas arrojadas alçando o Brasil a um novo patamar de progresso. Era mais até. Construir Brasília, a nova capital federal, era o que ele mesmo chamava de a "meta-síntese". E assim foi o seu governo (1956-1961): travar lutas hercúleas entre o bom senso e a ousadia de pôr em pé obras onde antes existia apenas... o nada. Nada como o espelho da História para que pudéssemos ver essa sua capacidade de realizar: entraram no Brasil, entre 1956 e 1961, US\$ 2,1 bilhões. A taxa de crescimento econômico do governo JK se manteve em torno de 7,8% ao ano (incluindo 1961, a média chegou a 8,3%) e a inflação anual beirava os 13%, considerada por Juscelino "irrisória".

Em 11 de julho de 1961, em seu discurso de posse no Senado, o ex-Presidente da República declarou: "Minha presença aqui é o epílogo de uma longa luta íntima, de um verdadeiro diálogo interior... Já atingira a Presidência da República, esforçara-me em cumprir promessas bem mais do que podia..." e concluiu reafirmando que "...creio hoje, mais do que ontem, ter andado de acordo com a prudência e o supremo interesse da nacionalidade emitindo, não dinheiros, mais de vinte mil quilômetros de estradas, 320 mil veículos automotores; 1 milhão e 300 mil toneladas, a mais, de aço em lingotes; mais de 2 milhões de toneladas de cimento; volume incomparavelmente maior de petróleo, fertilizantes, metais não ferrosos, emitindo Furnas, Três Marias, a indústria pesada, a naval, a de tratores, a química de base; emitindo, enfim, a infraestrutura que delimita a época de nosso progresso lento, condicionado, do tipo

colonial, marcando o início da era de nossa soberania econômica."

Depois da renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1962, Juscelino costurou o apoio político para garantir a posse de João Goulart, que era vice de Jânio. Jango, como era conhecido, era ligado aos movimentos sindicais e os militares se opunham a sua posse. Juscelino achava Jango um demagogo populista, mas defendia antes de tudo o cumprimento da Constituição. JK organizou ampla frente no Congresso para apoiá-lo e discursou no Senado em defesa da posse do vice-presidente, que só ocorreu depois da aprovação do regime parlamentarista.

Em 4 de outubro de 1965, após a vitória de seus correligionários Israel Pinheiro e Negrão de Lima, eleitos, respectivamente, para os governos de Minas Gerais e da Guanabara, Juscelino desembarcou no Rio de Janeiro. Foi intimado e prestou depoimento durante três horas na Polícia Federal.

Em 9 de janeiro de 1966, partiu novamente para o exílio, com João Goulart e Carlos Lacerda, na Europa e nos E.U.A. Continuou a manter contatos políticos. Formou a Frente Ampla, movimento de oposição ao governo brasileiro. Retornou definitivamente ao Brasil em 9 de abril de 1967. Manteve-se em constante movimentação política até ser preso, após a decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968.

Libertado no início de 1969, passou a se dedicar a atividades empresariais e literárias. Em fevereiro de 1974, foi eleito para a Academia Mineira de Letras. Em 1975, publicou o primeiro volume de suas memórias, intituladas *Meu Caminho Para Brasília*. Nesse ano, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, tendo sido derrotado por Bernardo Élis.

Em 22 de agosto de 1976, Juscelino Kubitschek de Oliveira morreu, em acidente de automóvel, no quilômetro 165 da Via Dutra, perto de Resende (RJ). Deixou atrás de si uma nova capital e um novo país. Mas, acima de tudo, uma lição

de patriotismo e confiança no destino
glorioso desta Nação.

*Agaciel da Silva Maia – Diretor-Geral
do Senado Federal e Vice-Reitor Executivo
da Universidade do Legislativo Brasileiro -
UNILE*

LISTA DE EVENTOS

Lista de eventos elaborada com base em levantamento feito pela Comissão JK do Poder Executivo:

DIA 12 DE SETEMBRO

- **Brasília**

- Sessão Solene no Congresso Nacional, no plenário do Senado Federal, com lançamento da reimpressão da obra "*Por que Construí Brasília*", de JK – Iniciativas da Comissão Mista Especial do Centenário de JK.

- Lançamento da Moeda de R\$ 1 alusiva ao Centenário, no Banco Central.

- Lançamento das moedas do Centenário de JK, em ouro e prata, pelo Banco Central, no Museu de Valores, por ocasião do II Congresso Luso-brasileiro de Numismática.

- Sessão Solene na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

- Cerimônia no Memorial JK, com lançamento e entrega da medalha alusiva ao Centenário JK.

- Cerimônia no Palácio da Alvorada, com a presença de orquestra de seresteiros e plantio de um ipê amarelo.

- Missa solene na Catedral de Brasília.
- Espetáculo popular Centenário JK, na Esplanada dos Ministérios, promovido pela Secretaria de Cultura do DF, Sesc e Rede Globo, com a participação de três bandas de Brasília (Oficina Blues, Joy Band e Rogério Midlej), do grupo de seresteiros Sarau Brasileiro e da banda mineira Pato Fu.
 - Concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, na sala Villa-Lobos do Teatro Nacional de Brasília – Secretaria de Cultura do DF.
 - Noite de Seresta, no Catetinho, em Brasília (dia 14) – Secretaria de Cultura do DF.

Diamantina

- a) Abertura da exposição Vida e Obra de JK, no Mercado Velho.
- b) Descerramento da Placa do Centenário, na Casa de Juscelino.
- c) Missa solene, na catedral de Diamantina.
- d) Entrega da Comenda JK, na Praça JK.
- e) Lançamento do livro "*Juscelino Kubitschek, o tocador de sonhos*", de Humberto Werneck - Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil – Casa de Juscelino.
- f) Baile Nonô Pé-de-Valsa, na Praça JK.

g) Cinema na Praça, encontro de seresteiros, Vesperatas.

h) Chegada da Expedição Brasília—Diamantina Diamantina.

Rio de Janeiro

- Espetáculo teatral com base no texto "*Por que construí Brasília*", dirigido por John Vaz, no Palácio do Catete – Museu da República.

- Seresta JK, no jardim do Museu da República.

- Lançamento de livro fotobiográfico sobre JK (Máxima Comunicação).

- Lançamento de documentário sobre JK pela empresa Cara de Cão Filmes, com roteiro de Carlos Heitor Cony.

Outras manifestações

2002

- Instalação de painéis nas fachadas laterais dos prédios da Explanada dos Ministérios – Fundação Athos Bulcão e Instituto do Terceiro Setor.

- Prêmio Concurso Nacional de Redação – Fundação Assis Chateaubriand.

- Exposição itinerante de painéis em alumínio desmontável – 35 kits – Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil .

- Exposição "Juscelino Prefeito", em Belo Horizonte – Museu Histórico Abílio Barreto.
- Exposição itinerante "Memória da Construção de Brasília", com fotos do fotógrafo sueco Ake Borglud, pertencentes ao acervo da pioneira Mercedes Urquiza.
- Exposição itinerante "JK – de Telegrafista a Presidente", do artista plástico Elias Andreato. Ministério das Comunicações. Iniciada no Salão Negro do Congresso Nacional.
- Exposição itinerante "Brasil, Brasília e os Brasileiros", inaugurada no dia 7 de setembro, no Palácio do Itamaraty. Fundação Israel Pinheiro.
- Mostra Brasília em Barcelona, 22 painéis com fotografias sobre Brasília/Lúcio Costa – Foyer da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Secretaria de Cultura do DF.
- Exposição "JK – Uma Aventura Estética", Rio de Janeiro.
- Desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Cidade Jardim, de Belo Horizonte, em homenagem a JK.
- Inauguração do Monumento "Peixe Vivo" em Brasília.
- Lançamento de selo comemorativo, pela Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos.

- Lançamento de documentário produzido pela TV Senado "JK, um cometa no céu do Brasil".
- Seis Cadernos Especiais sobre JK, publicados pelo Correio Braziliense (abril-setembro).
- Lançamento de cinco cartões telefônicos, pela Brasil Telecom (maio-outubro).
- Lançamento do CD “Memorial”, de Wagner Tiso e Zé Renato, com músicas populares no tempo de JK.
- Lista telefônica “Páginas Amarelas” traz capa em homenagem ao Centenário JK.
- Lançamento de "A Revista", em homenagem a JK, pelo Instituto Cultural Takano.
- Fórum "JK na Visão dos Amigos", realizado pela Casa de Juscelino, em Diamantina.
- Lançamento do "site" sobre JK, pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (dossiê com cerca de 220 textos sobre Juscelino: www.cpdoc.fgv.br/nav_jk).
- Visita do Presidente Vicente Fox, do México, ao Memorial JK, em homenagem ao Centenário do Presidente Juscelino Kubitschek (3 de julho).
- VI Jogos da Juventude (17 a 29 de julho – Goiânia) – Secretaria Nacional de Esporte, Ministério do Esporte e Turismo.

- Lançamento de 200 mil cartilhas e da "home page" sobre JK do Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil.
- Lançamento do documentário de Sílvio Tendler, no âmbito do Projeto Memória.
- Lançamento do livro *JK, o reencontro com Brasília*, de Vera Brant – Memorial JK.
- Fórum "JK e o Esporte", em Diamantina – Casa de Juscelino.
- Evento em homenagem a JK no Iate Clube da Pampulha, em Belo Horizonte.
- V Congresso das Associações Comerciais de Minas Gerais, em Diamantina – Entrega das medalhas "Federaminas Centenário JK" – Federação das Associações Comerciais, Industriais, Agropecuárias e de Serviços do Estado de Minas Gerais.
- Evento "JK é 100", organizado pela Associação Comercial do Rio de Janeiro:
 - a. Entrega *post-mortem* da Medalha Tiradentes, concedida ao presidente JK pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, na ACRJ.
 - b. Tarde de autógrafos de livros sobre Juscelino Kubitschek. Presentes os seguintes autores: Ângela de Castro Gomes (*O Brasil de JK*), Cláudio Bertoll Filho (*De Getúlio a Juscelino*), Cláudio Bojunga (*JK, o*

artista do impossível), Celso Lafer (*JK e o programa de metas*), Ronaldo Costa Couto (*Brasília Kubitschek de Oliveira*), Vera Brant (*JK e o reencontro com Brasília*), Carlos Heitor Cony (*Como nasce uma estrela*), Josué Montello (*O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*) e Serafim Jardim (*Juscelino Kubitschek: onde está a verdade?*). Na ACRJ.

c. Show com Billy Blanco – "Os Anos JK".
Dia 2, na ACRJ.

d. Mostra JK de vídeos: "JK o menino que sonhou um país", de Sílvio Tandler; "Juscelino Kubitschek no exterior", de Jean Manzon; "A Era JK", de Francisco César Filho; "A mais linda cidade", de Jean Manzon; "Unamo-nos para salvar o Rio de Janeiro", de Jean Manzon; "Os anos JK", de Sílvio Tandler; "Brasília, a capital do futuro", de Cacá Diegues e Ana Carolina; "JK, 7 anos sem a sua companhia", de Carlos Heitor Cony; "A constituição acima de tudo", de Jean Manzon.

e. Missa Solene na Candelária.

f. Ciclo de encontros com contemporâneos, amigos e colaboradores de JK.

g. Seminário "Os anos JK: democracia e desenvolvimento", promovido e organizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e Fundação Alexandre Gusmão, na ACRJ.

- "Expedição Brasília – Diamantina, da Criação à Terra Mãe", cavalgada de cinco cavaleiros, percorrendo 756 Km até Diamantina.
- O Governo do Distrito Federal dá o nome de JK à ponte em final de construção, no Lago Sul de Brasília.
- Projeto Memória – JK 100 anos – exposição itinerante pelas escolas do DF.
- Cinema Voador – Anos JK, na Estação Rodoviária do Plano Piloto de Brasília.
- Homenagem de artistas de Brasília: *show* de música, poesia e performances, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional de Brasília.
- Carreata de Automóveis antigos na Esplanada dos Ministérios.
- Campeonato de Orientação no lago Paranoá – Troféu JK – Associação Floresta de Orientação.
- Exposição fotográfica sobre a vida e a obra de JK – Clube Foto Amigos de Santos.
- Troféu Brasil de Natação – Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos.
- Lançamento de livro de arte (5 mil exemplares) e cartilha escolar (300 mil exemplares) – Sistema CNI/Fibra.

- O Baile do Pé-de-Valsa – grande baile popular, na Esplanada dos Ministérios, com Orquestra Anos Dourados (Secretaria de Cultura do DF).
- 2º Festival de Balonismo de Brasília – Esplanada dos Ministérios (Secretaria de Cultura do DF).
- CD com músicas folclóricas de Minas Gerais (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- CD com discursos de JK proferidos na inauguração de Brasília (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- CD com gravação da Sinfonia da Alvorada, pela Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Documentário de Vladimir de Carvalho (Memorial JK).
- Filme "Por um Punhado de Sol", longa metragem de Altamir Naves e Geraldo Moraes.
- Monografia para alunos do segundo grau das escolas particulares e públicas do DF, tema "Juscelino Kubitschek, o Estadista que valorizou o Brasil" (Memorial JK).
- Ilustrações para estudantes do primeiro grau de Brasília, tema "JK, um brasileiro que soube amar o Brasil" (Memorial JK).

- Monografia sobre a vida e obra de JK, para universitários e estudantes da rede oficial (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Reedição do concurso JK de piano (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Corrida do Fogo – Símbolo da Paz, fazendo o trajeto Diamantina/Brasília.
- Enduro Caravana de Integração Nacional, saindo dos mesmos Estados e com o mesmo trajeto da caravana ocorrida em 1960 (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Regata JK, prova de velocidade e percurso (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Prova de Ciclismo Candango, com equipes fazendo revezamento (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Prova Hípica Cel. Juscelino Kubitschek de Oliveira (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Salão Centenário JK – 24 horas de Artes Plásticas (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- Exposição de Charges publicadas em revistas e jornais da época, referentes à construção de Brasília (Instituto Histórico e Geográfico do DF).
- "O Sorriso de Juscelino: O Presidente Kubitschek no Imaginário Popular", exposição multimídia,

no Teatro Nacional de Brasília e no Centro Cultural Banco do Brasil.

- “JK e Brasília” – exposição sobre a história da construção de Brasília, com maquetes, desenhos e projetos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa – Salão Negro do Congresso Nacional.

- Festa das Nações Centenário JK – homenagem das Embaixadas estrangeiras (Instituto Histórico e Geográfico do DF).

- Livro infantil, para o público escolar, com as realizações de JK (Editora UnB e Memorial JK).

- Revista Edição Especial JK – publicação traçando amplo painel da trajetória de JK (Memorial JK)

- “A Era JK” – edição de livro de arte (3 mil exemplares) (Instituto Histórico e Geográfico do DF).

- Coleção JK – edição de ouro da obra literária de JK (Instituto Histórico e Geográfico do DF).

- Série Documentos históricos – edição de livro com documentos de valor histórico sobre a construção de Brasília (Instituto Histórico e Geográfico do DF).

- O Romanceiro Brasiliense – lançamento de livro (Instituto Histórico e Geográfico do DF).

- Edição histórica do *Diário Oficial* – reedição do *Diário Oficial* dos dias 21/22 de abril de 1960 (Instituto Histórico e Geográfico do DF).

- Lançamento da marca comemorativa do centenário JK – design de Ruth Reis (Memorial JK).

2001

- Abertura das comemorações do Centenário JK, no Rio de Janeiro, com a inauguração de uma exposição no Palácio do Catete, seguida de concerto da Orquestra Sinfônica Petrobrás Pró Música e show de Wagner Tiso e Sivuca (setembro).

- Lançamento do livro *"Brasília Kubitschek de Oliveira"*, de Ronaldo Costa Couto - O Ministério da Cultura adquiriu 22 mil exemplares para distribuição às bibliotecas públicas brasileiras.

- Lançamento das comemorações em Diamantina, com a realização do fórum "Um Olhar sobre os Anos 50: a Era JK", celebração do Centenário na Igreja Nossa Senhora do Carmo, cerimônia no Museu Casa de Juscelino e vespérta no Centro Histórico da cidade.

- Inauguração dos megapainéis com fotos de JK nas laterais dos prédios dos Ministérios, concertos no Teatro Nacional e seresta no Catetinho.

- Inauguração da exposição "JK – Sob o Signo das Artes", no Museu de Arte de Brasília (MAB) (outubro).

- Lançamento do livro *"JK- O Artista do Impossível"*, de Cláudio Bojunga - O Ministério da Cultura

ficou de distribuir mil exemplares às bibliotecas universitárias.